

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE**
Câmpus Pelotas

CARLA ROSANE CAMPOS LOPES

**A aprendizagem pelos encontros:
instalação artística e formação do sensível**

PELOTAS/RS

2016

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

CARLA ROSANE CAMPOS LOPES

A aprendizagem pelos encontros:
instalação artística e formação do sensível

PELOTAS/RS

2016

CARLA ROSANE CAMPOS LOPES

A aprendizagem pelos encontros:
instalação artística e formação do sensível

Dissertação apresentada ao PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre
em Educação e Tecnologia.

Orientador: Dr. Prof. Alberto d'Avila Coelho

PELOTAS/RS

2016

Ficha Catalográfica

L864a Lopes, Carla Rosane Campos
 A aprendizagem pelos encontros : instalação artística e formação
 do sensível / Carla Rosane Campos Lopes. – 2016.
 114 f. : il.

 Orientador: Prof. Dr. Alberto D'Avila Coelho.

 Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e
 Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em
 Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas,
 2016.

 1. Aprendizagem. 2. Encontro. 3. Formação do sensível. 4.
 Experiência estética. I. Coelho, Alberto D'Avila. II. Instituto Federal de
 Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 370.1

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Vivian IM Ritta CRB 10/1488
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

CARLA ROSANE CAMPOS LOPES

A aprendizagem pelos encontros:
instalação artística e formação do sensível

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Tecnologia.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

PROF.º DR. ALBERTO D'AVILA COELHO

PROF.ª DR.ª CYNTHIA FARINA – IFSUL

PROF.ª DR.ª MIRELA RIBEIRO MEIRA - UFPEL

Agradecimentos

Tenho muito a agradecer ao que este Mestrado Profissional em Educação e Tecnologias proporcionou: a encantadora oportunidade de encontros aprendentes e potencializadores.

Agradeço em primeiro lugar às três PESSOAS DA TRINDADE, que na liberdade amorosa se mantiveram comigo em todos os trajetos e movimentos realizados.

Agradeço a meu amado e abençoado esposo João Maximiliano Rodrigues Lopes, que tem enfrentado comigo estes grandes desafios, sempre me apoiando e incentivando a avançar em todos os projetos, estudos e sonhos.

Agradeço aos meus dois filhos: Bárbara e Víctor, que são grandes incentivos e referências de força de vida e vontade, na firmeza e em seus propósitos.

Agradeço a querida e amada Mãe Noeli que me recebeu sempre em sua acolhedora casa em Pelotas e ao apoio financeiro para as passagens para deslocamento entre Camaquã e Pelotas, bem como a meus irmãos pelo carinho, orações de intercessão.

Agradeço a meu querido orientador Alberto d'Ávila Coelho pelo incansável acompanhamento, apoio, amizade, parceria e incentivo em todos os trajetos desde o aceite para compor a banca avaliadora de meu TCC na Licenciatura e Filosofia na UCPEL até este momento tão importante.

Agradeço aos meus alunos de mais longas datas e aos que mais recentemente estiveram ao meu lado neste trabalho: Liader Soares, Lucia Sedrez, Renata Pereira, Natanael Pires, Éricon Gonçalves, Nathália Moreira.

Sou grata a toda a comunidade do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL) *campus* Pelotas, professores, colegas e funcionários.

Grata!

Desde meu quase naufrágio, costumo chamar de alma esse lugar. A alma mora no ponto onde o eu se decide.

(Michel Serres)

RESUMO

A dissertação aqui apresentada investiu no sensível, a estar no mundo pelo *encontro* com o outro e com aquilo que “estranha”. Este investimento se problematizou a partir de uma instalação artística, montada no IFSUL, *campus* Pelotas/ RS, cujo tema versa sobre mensagens em garrafas, desejos de novos e bons encontros. Buscou-se abrir com esta instalação uma relação entre educação e espaço de criação do sensível, observando “aprendentes” que não somente passassem ou se aproximassem, mas se permitissem interagir. Colocou-se em movimento um aprender em vias de vir a ser, que pode chegar a acontecer. A instalação envolveu a comunidade do *campus* Pelotas/ RS (IFSUL) e atuou com uma ideia que alcançam aqueles saberes que se produzem em sala de aula e seus conteúdos programáticos. Apostou-se que um “educar” pode se confundir com os saberes que se produzem pelo sensível que a arte é capaz de alcançar, com os aprendizados que ela é capaz de inventar quando o ambiente fica desprovido das características tradicionais, que determinam os locais onde se educa (sala de aula), o como se educa (procedimentos) e quem educa (professor). As questões de pesquisa envolvem espaços de interação com arte e espaço pedagógico. Pergunta-se: como uma experiência com uma proposta de arte contemporânea promove uma “educação” pelo *aprender*? Quais *saberes* são construídos e compartilháveis na experiência desde a produção da instalação até sua apropriação pelo público por meio de garrafas com mensagens? Como esta dissertação promove um sair da educação pela própria educação? Objetivos: promover um espaço de criação para pensar o educar como um aprender implicado com o sensível e com a arte e mapear os deslocamentos de pensamentos e conceitos que se realizam a partir da experiência com a proposta artística. Esta dissertação foi desenvolvida a partir do estudo de um referencial teórico, da concepção e montagem de uma instalação artística e dos registros das experiências do público (entrevistas escritas e gravadas, fotografias e filmagens). A pesquisa considera que os processos pedagógicos quando atravessados pela filosofia e a arte, podem ser promotores de acontecimentos voltados a espaços menos “enrijecidos” pelos pensamentos tradicionais arraigadas. O foco na formação do sensível torna-se suporte fundamental para modos de aprender que ocorrem pelos *encontros* produtores de afetos e estranhamentos, um aprender que não se encerra na aquisição de um saber.

Palavras-chave: Aprendizagem, Encontro, Formação do Sensível, Experiência Estética.

RESUMEN

La disertación aquí presentada invirtió en lo sensible, a estar en el mundo por el encuentro con el otro y con aquello que “extraña”. Esta inversión se problematizó a partir de una instalación artística, montada en IFSUL, *campus* Pelotas/RS, cuyo tema versa sobre mensajes en botellas, deseos de nuevos y buenos encuentros. Se buscó abrir con esta instalación una relación entre educación y espacio de creación de lo sensible, observando “aprendientes” que no solamente pasaran o se aproximaran, mas, quien sabe, se permitieran interactuar. Se puso en movimiento un aprender en vías de llegar a ser, que puede llegar a suceder. La instalación envolvió la comunidad del campus Pelotas/RS (IFSUL) y actuó con una idea que alcanzan aquellos saberes que se producen en la sala de clase y sus contenidos programáticos. Se apostó en que “educar” se confunde con los saberes que se producen por lo sensible que el arte es capaz de alcanzar, con los aprendizajes que él es capaz de inventar cuando el ambiente queda desprovisto de las características tradicionales, que determinan los locales en donde se educa (sala de clase), o como se educa (procedimientos) y quien educa (profesor). Las cuestiones de investigación envuelven espacios de interacción con el arte y el espacio pedagógico. Se pregunta: ¿cómo una experiencia con una propuesta de arte contemporáneo promueve una “educación” por el *aprender*? ¿Cuáles saberes son construidos y posibles de compartir en la experiencia desde la producción de la instalación hasta su apropiación por el público por medio de botellas con mensajes? Objetivos: promover un espacio de creación para pensar el educar como un aprender implicado con lo sensible y con el arte y mapear los desplazamientos de pensamientos y conceptos que se realizan a partir de la experiencia con la propuesta artística. Esta disertación fue desarrollada a partir del estudio de un referencial teórico, de la concepción y montaje de una instalación artística y de los registros de las experiencias del público (entrevistas escritas y grabadas, fotografías y filmaciones) La investigación considera que los procesos pedagógicos cuando atravesados por la filosofía y el arte, pueden ser promotores de acontecimientos volcados a espacios menos “endurecidos” por los pensamientos tradicionales arraigados. El foco en la formación de lo sensible se torna soporte fundamental para modos de aprender que suceden por los encuentros productores de afectos y extrañamientos, un aprender que no se cierra en la adquisición de un saber.

Palabras-llave: Aprendizaje, Encuentro, Formación de lo Sensible, Experiencia Estética.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mitocôndrias. Fonte: Internet.....	23
Figura 2 - Foto Instalação- "Orgânico I" - Sala Antonio Caringi - UFPEL (50 x 25 cm). Arquivo da Autora.....	23
Figura 3 - Artigo entregue em um invólucro silícico mensageiro no pós- graduação Lato- Sensu IFSUI campus Pelotas/ RS, ao termino das atividades na etapa Currículo com Prof. Dr. Donald Kerr Jr. (Goy) no primeiro semestre em 2014. Arquivo da autora.	25
Figura 4 - Artigo entregue em um invólucro silícico mensageiro no pós-graduação Lato- Sensu IFSUI campus Pelotas/ RS, ao termino das atividades na etapa Currículo com Prof. Dr. Donald Kerr Jr. (Goy) no primeiro semestre em 2014. Arquivo da autora.	26
Figura 5 - COLETANDO GARRAFAS. Arquivo da autora.....	27
Figura 6 - COLETANDO GARRAFAS. Arquivo da autora.....	27
Figura 7 - "OS CINCO SENTIDOS" - Aula/ Estágio ministrada 24 de Novembro 2015-Turma de Bacharelado em Design - IFSUL- campus Pelotas. Arquivo da autora	28
Figura 8 - "OS CINCO SENTIDOS" - Aula/ Estágio ministrada 24 de Novembro 2015-Turma de Bacharelado em Design - IFSUL- campus Pelotas. Arquivo da autora.	29
Figura 9 - Local de montagem da Instalação. Projeto gráfico da autora. Arquivo da autora.	30
Figura 10 - Local de montagem da Instalação. Orientador Alberto Coelho conferindo o local. Arquivo da autora.	31
Figura 11 - Local de montagem da Instalação. Arquivo da autora.....	31
Figura 12 - Local de montagem da Instalação – Fotos da jornalista Greice Gomes. Arquivo da autora.	32
Figura 13 - Local de montagem da Instalação – Fotos da jornalista Greice Gomes. Arquivo da autora.	32
Figura 14 - Saul Stenberg - Untitled...1944. Fonte: Internet.....	34
Figura 15 - Untitled, 1948. Ink on paper, 14 1/4 x 11 1/4"- Saul Steinberg. Fonte: Internet... 35	
Figura 16 - Foto Do Navio cargueiro sequestrado por piratas em 2011. Fonte: Internet.	36
Figura 17 - Intervenções com NBP em 2009 no IFSUL campus Pelotas. Fonte: Internet.	40
Figura 18 - Intervenções com NBP em 2009 no IFSUL campus Pelotas. Fonte: Internet.	40
Figura 19 - Detalhe do centro da obra NBP adesivada pelo grupo. Intervenção em 2009 no IFSUL campus Pelotas. Fonte: Internet.Figura 20 - Detalhe do centro da obra NBP adesivada pelo grupo. Intervenção em 2009 no IFSUL campus Pelotas. Fonte: Internet.	41
Figura 20 - Entrega do 5º invólucro silícico mensageiro no IFSUL campus Pelotas em 01 Outubro de 2016. Arquivo da autora.	42
Figura 21 - Vídeo com o movimento de nuvens. Arquivo pessoal de Alberto Coelho.	44
Figura 22 - Vídeo de um trapiche que segue a uma praia de mar. Arquivo pessoal de Alberto Coelho.	45
Figura 23 - Intervenção “sapatos brancos”. Corredor do Design IFSUL <i>campus</i> Pelotas em 2014. Arquivo Cecília Boanova.....	48
Figura 24 - Foto da apresentação escrita pelo Prof. Dr. Donald Hugh de Barros Kerr Júnior, o Goy. Arquivo Cecília Boanova.....	49
Figura 25 - Intervenção “sapatos brancos”. Corredor do Design IFSUL campus Pelotas em 2014. Arquivo Cecília Boanova.....	49

Figura 26 - Intervenção “sapatos brancos”. Corredor do Design IFSUL campus Pelotas em 2014. Arquivo Cecília Boanova.....	50
Figura 27 - "O Quadrado" Pelotas/ RS. Fonte: Internet.	63
Figura 28 - Preparando o primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.	64
Figura 29 - Preparando o primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.	64
Figura 30 - Primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.....	65
Figura 31 - Primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.....	65
Figura 32 - Primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.....	66
Figura 33 - Primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.....	66
Figura 34 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	68
Figura 35 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	69
Figura 36 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	69
Figura 37 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	70
Figura 38 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	70
Figura 39 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	71
Figura 40 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	71
Figura 41 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	72
Figura 42 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	72
Figura 43 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	73
Figura 44 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	73
Figura 45 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	74
Figura 46 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.....	74
Figura 47 - Pergaminho contendo pistas para o encontro com a instalação artística no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas- RS.	75
Figura 48 - Pergaminho/ convite - Arquivo da autora.	76
Figura 49 - Registrando convites/ pistas que foram espalhados em garrafas pelo IFSUL na véspera da exposição. Arquivo da autora.	76
Figura 50 - Registrando convites/ pistas que foram espalhados em garrafas pelo IFSUL na véspera da exposição. Arquivo da autora.	77
Figura 51 - Montagem da instalação no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas com auxílio no transporte de Cecília Boanova e família. Arquivo da autora.	78
Figura 52 - Montagem da instalação no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.	79
Figura 53 - Montagem da instalação no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas com o auxílio do estudante estagiário do curso de Edificações no transporte da areia até o local da exposição. Arquivo da autora.....	79
Figura 54 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.....	81

Figura 55 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.....	81
Figura 56 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.....	82
Figura 57 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.....	82
Figura 58 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.....	83
Figura 59 - Participantes na parte da tarde com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.	83
Figura 60 - Participantes na parte da tarde com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.	84
Figura 61 - Participantes na parte da tarde com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL <i>campus</i> Pelotas. Arquivo da autora.	84
Figura 62 - Vídeo com movimentos de mar com som de garrafas de vidro incorporados. Editor responsável: Liader Soares. Projeção mantida a partir da tarde durante a exposição. Arquivo da autora.	85
Figura 63 - Série “Os viajantes” - Bruno Catalano. Fonte: internet.	87
Figura 64 - Encontros pós instalação. Arquivo da autora.	88
Figura 65 - Desenho – “ vc acabou de perder seu tempo”. Arquivo da autora.	90
Figura 66 - Escrita de Jardel – Instalação Artística. Arquivo da autora.....	92
Figura 67 - Escrita de Jardel – Instalação Artística. Arquivo da autora.....	93
Figura 68 - Escrita de Jardel – Instalação Artística. Arquivo da autora.....	93
Figura 69 - Escrita de Jardel – Instalação Artística com um pedido . Arquivo da autora.	94
Figura 70 - Leitura atenta da mensagem – Instalação Artística. Arquivo da autora.....	95
Figura 71 - Leitura atenta da mensagem – Instalação Artística. Arquivo da autora.....	95
Figura 72 - Artista Visual cursando Gestão Ambiental no IFSUL. Arquivo da autora.	96
Figura 73 - Artista Visual cursando Gestão Ambiental no IFSUL. Arquivo da autora.	97
Figura 74 - Os três jovens. Arquivo da autora.	98
Figura 75 - Os três jovens. Arquivo da autora.	98
Figura 76 - Jovem que a partir da sua experiência passou a convidar e conduzir muitos colegas até o local. Arquivo da autora.	99
Figura 77 - Jovem que ao final de sua fala nos diz: A sensação foi de felicidade. Arquivo da autora.	100
Figura 78 - Presença e participação da colega Jornalista do IFSUL Greice Gomes. Arquivo da autora.	100
Figura 79 - Lúcia, Rê, Éricon e Liader retirando as mensagens abertas das garrafas. Arquivo da autora.	108

SUMÁRIO

RESUMO	8
RESUMEN.....	9
LISTA DE FIGURAS	12
SUMÁRIO	15
BREVE APRESENTAÇÃO	16
CAPITULO I – Percursos de formação: educação, arte e filosofia	19
1 A instalação artística...	30
2 Encontro com Prof. Dra. Cynthia Farina...	39
3 Encontro com Prof. Dr. Alberto Coelho...	43
4 Encontro com Prof. Ma. Cecilia Oliveira Boanova.....	46
CAPITULO II – O educar como aprender: um processo implicado com o sensível.....	52
CAPITULO III - Instalação Artística: invólucros silícicos mensageiros propositores de encontros	61
1 Primeiros lançamentos... ora por água, ora por terra...	62
2 Proposição: mensagens dos colaboradores... primeiros lançamentos por terra.....	67
4 Véspera da exposição... espalhando pistas/ convites pelo IFSUL <i>campus</i> Pelotas.....	75
5 Dia da instalação... 09 de Junho de 2016...	77
6 Pós- exposição... Através da vigia...	86
7 Encontro pós instalação... Segunda-feira, dia 04 de julho de 2016... Abrindo garrafas extras: lendo, ouvindo e cartografando as filmagens e depoimentos.....	89
7.1 Jardel... (num primeiro momento o chamei de “boné pensante”).....	91
7.2 Misturando-nos com as falas e as escritas!!!	92
7.3 O jovem leitor atento...	94
7.4 A Artista Plástica graduanda em Gestão Ambiental...	95
7.5 Os três jovens...	97
7.6 A jovem leitora de mensagens...	98
7.7 A garota dos óculos vermelhos...	99
7.8 A colega jornalista...	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	111

BREVE APRESENTAÇÃO

O eu salta globalmente deste ponto local, passa decididamente de outra metade a outra, no momento em que este ponto desliza, à proximidade do estreito, de sua face interna para a face externa.

(SERRES 2001, p.14).

Nesta dissertação propomos fazer uma investida no sensível, a pensar em nosso estar no mundo pelos *encontros* (Spinoza, 2015; Deleuze, 2002; Larossa, 2009), com o outro e com aquilo que “estranha”. Problematizamos a presença do modelo de uma educação tradicional, que ainda persiste em nossas escolas, a partir da experiência com arte, desde sua autora com a montagem de uma instalação artística, bem como a partir dos registros deixados pelo público visitante, mediante entrevistas (escritas e gravadas), fotografias e filmagens.

Vamos ao longo da dissertação dando pistas para o pensamento que se deseja desenhar com esta proposta de investigação. Vamos fazendo alguns recortes, trazendo alguns dados e algumas interferências que deram corpo a esta escrita. Para tanto acompanharemos a elaboração conceitual e prática de uma proposta artística, ideia central que veio a permitir a fundamentação de uma aposta

no sensível, no espaço do sensível em nossa formação, seja na escola ou na vida. Tudo isso para falar a respeito de possíveis transformações que a arte pode oferecer em sua condição criadora nos espaços escolares.

Como questões de pesquisa perguntamos: como uma experiência com uma proposta de arte contemporânea promove uma “educação” pelo *aprender*? Quais *saberes* são construídos e compartilháveis na experiência desde a produção da instalação até sua apropriação pelo público por meio de garrafas com mensagens? Como esta dissertação promove um sair da educação pela própria educação? Seus objetivos são: promover um espaço de criação para pensar o educar como um aprender implicado com o sensível e com a arte, e mapear os deslocamentos de pensamentos e conceitos que se realizaram a partir da experiência com a proposta artística.

Com os procedimentos metodológicos adotados para esta investigação desenvolveu-se uma metodologia qualitativa com procedimentos cartográficos, a partir do estudo de um referencial teórico, no qual constam os conceitos de *encontro* (Spinoza, 2015); e *aprendizagem* (Deleuze, 2006), das experiências com arte de sua autora, da montagem de uma instalação e dos registros das experiências (entrevistas escritas e gravadas, fotografias e filmagens) com a instalação, problematizando o “educar” no sentido de um “aprender” deleuzeano.

A dissertação se organiza a partir desta breve apresentação e três capítulos. No Capítulo I “Percurso de formação: educação, arte e filosofia”, tratamos da atuação docente e do contexto no qual foram geradas as questões que trouxeram esta dissertação ao Programa de Mestrado em Educação e Tecnologia do IFSUL. No Capítulo II “O educar como aprender: um processo implicado com o sensível”, propomos problematizar o método tradicional apostando que um “educar” pode se confundir com um “aprender”, cujos saberes se produzem pelo sensível que uma experiência com arte alcança e que coloca em questão o método científico. E, no Capítulo III intitulado “Instalação Artística: Invólucros silícicos mensageiros propositores de encontros”,

Para encerrar a dissertação neste capítulo misturo-me com que aconteceu nesta trajetória de investigação – vida de pesquisadora, professora e artista. É o momento em que me “abro” ao mundo desconhecido criado por aqueles que participaram da instalação e me ofereceram um pouco de suas percepções para que

então eu venha a escrever a respeito de todas as minhas perguntas, formulações de uma inquietude que se depara com a hora de aquietar-se ao sabor das leituras, do abrir de cada garrafa e desenrolar de cada “pergaminho”. Chegou a hora de saber das mensagens e produzir com aquelas, aprender com elas. Misturar-me. Importa dedicar um tempo, estar nos entres. Aprendizes e aprendentes. Uma aprendizagem que se dá neste encontro tão esperado. Autorizo-me neste momento da escrita a trazer também o “eu”, mas que na realidade serão vários, ou seja, agora estou com autores, amigos, orientador, colaboradores, aprendizes com aprendentes, tantos e tantos que foram chegando para que esta dissertação se realizasse.

CAPITULO I – Percursos de formação: educação, arte e filosofia

Eis a tatuagem: minha alma constantemente presente, branca, cintila e difunde-se nos vermelhos que se permutam, instáveis, com os outros vermelhos, os desertos são escuros por falta de alma; verdes os prados onde a alma, raramente, contudo, às vezes, se instala, ocre, malva, azul frio, alaranjada, turquesa... Assim, complexa e um tanto assustadora, surge nossa carta de identidade.

(SERRES, 2001, p. 18).

A pesquisadora mistura-se com os escritos de Michel Serres, do livro “Os Cinco Sentidos. Filosofia dos corpos misturados”. Deste encontro alguns fragmentos se destacaram ao longo da dissertação, capítulos “Nascimento” e “Tatuagem”, por uma força que arrebatava e a impulsionava a seguir com a pesquisa de uma forma muito viva. O sentido dos sentidos em turbilhões se entremeando. Talvez porque estivesse mexendo em pontos nevrálgicos em relação à vida e a educação que se construíram em locais (escolas públicas nas séries iniciais e ensino fundamental por onde estudou) onde foi obrigada a conviver com estranhos (professores) que não se mostravam, que não se misturavam e que se mantinham numa postura autoritária de quem quer ser preservado de alguma acusação que mexesse nos seus processos

vivenciados pela aprendizagem. Cenas. Parece que se abrem inúmeras repetições de comportamentos de quem se percebe no poder, bem como o de quem está no estado de submissão e apenas receptor do que está sendo oferecido mirradamente, escassamente, ou seja, o mínimo necessário para que o tempo “que não passa nunca!!!” se cumpra! Neste momento da escrita na dissertação a pesquisadora chorou! Chorou muito! O sufoco das espirais de fumaça presos há muitas décadas nas mesclas camufladas e escondidas, vieram-lhe a tona! *“nos vermelhos que se permutam, instáveis, com os outros vermelhos, os desertos são escuros por falta de alma; verdes os prados onde a alma, raramente, contudo, às vezes, se instala, ocre, malva, azul frio, alaranjada, turquesa...”* (SERRES, 2001, p. 18). Tudo o que não foi dito ou expressado, e que naquele instante da pesquisa entrou em movimento, a atravessou, e que só foi possível assim ser, ou se dar a ver por que em um golpe turbulento através da escrita narrativa e tão poética do autor, que nas suas experiências náuticas não quis permanecer apenas nas obras mortas do navio em chamas, e de tanto insistir turbilhonou no “onde o eu se decide” (Serres, 2001), indo também até as obras vivas para resgatar o que ainda possivelmente se encontrasse com vida! Isso vai para além dos treinamentos, vai para além das obrigações! O eu já está misturado! Já está envolvido! E a pesquisadora aprendente também!

Começamos a desenvolver os percursos da autora em sua formação acadêmica – cursos de Graduação em Pintura, Escultura ou Gravura/ GPEG (UFPEL/ RS 1991)¹ e Licenciatura em Filosofia na UCPel – Pelotas/ RS, destacando o momento em que se percebe apaixonada pela educação, quando entra em uma sala de aula para trabalhar com o ensino de arte, em uma escola particular na Educação Básica. Quando começa a dar estas aulas, por possuir uma formação em Bacharelado em Artes, sente a necessidade de fazer um curso de licenciatura para complementar esta formação. Porém, opta por ingressar na Licenciatura em Filosofia na UCPel – Pelotas/ RS e não na Licenciatura em Arte. Por quê? A autora entendia que suas práticas e produções artísticas estavam mais em relação à área de Filosofia, ou Filosofia da Arte, e a Estética. Este ingresso possibilitou uma formação que abriu portas para significações e produção de sentidos importantes, quando articulou a Educação com a Arte e a Filosofia; também proporcionou caminhos para

¹ Curso que atualmente conhecemos como Bacharelado em Artes Visuais.

chegar até a Pós-Graduação *Lato-Sensu*², bem como posteriormente o ingresso no Mestrado em 2015.

Atuando como professora de arte na escola particular, ela encontra uma arte de sala de aula que propunha apenas entretenimentos, apesar de haver um rico material impresso. Esta escola adotava um material didático de uma editora que abria possibilidades para serem trabalhadas as quatro linguagens: dança, teatro, música e artes visuais. Quando a pesquisadora chega nesta escola encontra um ensino de arte pouco atrativo, embasado em datas comemorativas e “trabalhinhos”, algo bastante comum na história do ensino de arte no Brasil.

Para que entendamos melhor este que podemos chamar de processo de aprendizagem da pesquisadora, ela, quando em uma sala de aula constatava que a própria classe encontrava-se em estado de apatia com a repetição de propostas sempre dadas.

A pesquisadora tinha como conceito de arte algo para além desde “entretenimento”, o qual vinha de suas experiências como artista contemporânea. Compunha também esta formação vivências do meio acadêmico da Filosofia, como a participação nas disciplinas do curso, estágios, bolsa PIBID, monitoria. Por tudo isso, o conceito de arte e sua abrangência desacomodava a pesquisadora da tabula rasa, presente em alguns momentos da vida acadêmica e docente, o que se confirma quando KERR JR, LERM (2010) compartilham em suas experiências:

Ao estimularmos o aprendiz a experimentar e depois refletir sobre a forma de estruturação e definição dos elementos da linguagem artística, provocávamos uma desarticulação na maneira tradicional de fazer conexões entre eles, possibilitando a pluralidade de sentidos. As possibilidades de cruzamento de linguagens nos sonhos são infinitas e permitem a geração de novas percepções. (KERR JR, LERM 2010, p. 316).

Alguns acontecimentos relacionam a autora e a arte contemporânea (Aranha, 2009)³ com as questões de pesquisa desta dissertação, período anterior ao curso de

² Curso de especialização...– IFSUL *campus* Pelotas/ RS (já concluída);

³ A estética pós-moderna caracteriza-se pela desconstrução da forma. No romance, no cinema, no teatro não há mais uma história a ser contada ou personagens fixas. As coisas vão acontecendo, aparentemente sem ligações causais. Caracteriza -se ainda pelo pastiche e ecletismo que permitem juntar-se as coisas mais variadas e até mesmo antagônicas na mesma obra; pelo uso da paródia,

Licenciatura em Filosofia, iniciados durante os dois últimos semestres do Bacharelado em Artes Visuais em 1991⁴. Estas experiências foram importantes para conhecer a arte conceitual, esta foi encontrando lugar em sua formação através de propostas e exercícios de alguns temas, projetando e oportunizando montagens de instalações. E, diante da proposta de desenvolvimento de um projeto para uma instalação individual com exposição, como requisito avaliativo de conclusão de curso antes da formatura, põe-se em movimento o que segue.

Dentre tantos registros, cabe citar um acontecimento que promoveu um bom encontro, este ocorreu antes da entrada no curso de bacharelado. Foi uma aula de Biologia, ainda no antigo “2º. Grau”, com o professor Eugênio, início dos anos 80, no Colégio Estadual Nossa Senhora de Lourdes, Pelotas/ RS, quando desenhou a célula no quadro negro com as suas barras de giz coloridos e, ao desenhar as mitocôndrias⁵ provocou um instante de deslocamento que hoje a pesquisadora identifica como uma experiência estética, tanto do professor como dela, diante daquelas formas cilíndricas, capsulares, fechadas e seccionadas. Segue uma imagem na (Figura 1).

discurso paralelo que comenta e, em geral, ridiculariza o discurso principal; pelo uso da metalinguagem, isto é, da citação de outras obras; pela incorporação do cotidiano e da estética dos meios de comunicação de massa; pela efemeridade, ou pequena duração, de muitas das suas obras. Não existe um estilo único, tudo vale dentro do pós -tudo.

⁴ Já tendo optado no sexto semestre por escultura (entre gravura e pintura), no Instituto de Letras e Artes (ILA) da UFPEL Pelotas/ RS, e que, desenvolvendo coletas para pesquisas em massas cerâmicas, novos conceitos foram sendo incorporados nas últimas disciplinas, com a chegada do professor e escultor Daniel Acosta.

⁵ Toda a atividade celular requer energia, é através da mitocôndria que esta energia necessária às atividades das células será gerada. Para obter energia, a célula obrigatoriamente precisa de glicose. A mitocôndria tem a função de quebrar a glicose introduzindo oxigênio no carbono, o que resta é o gás carbônico, que sairá através da expiração. Disponível em: <http://www.todabiologia.com/citologia/mitocondria.htm>. Acesso em: 28 Setembro 2015.

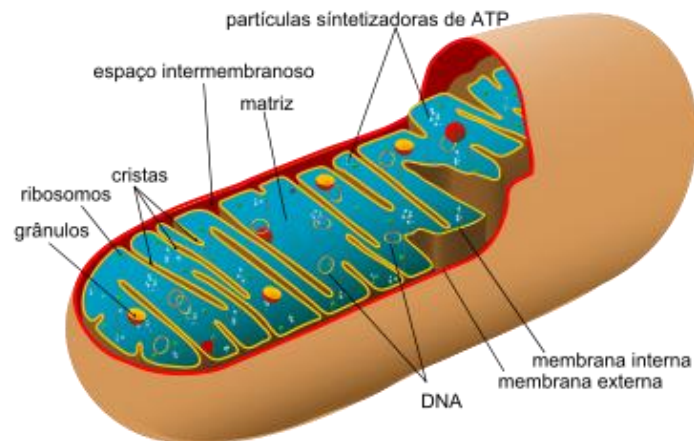


Figura 1 - Mitocôndrias. Fonte: Internet.

Esta experiência foi fundamental para dar início a uma constante imagem visual no curso de Bacharelado em Artes (GPEG), em pensar estas formas plasticamente, no desejo de mantê-las em movimento e transformações em novas leituras com outros materiais como a argila (Figura 2).



**Figura 2 - Foto Instalação- "Orgânico I" - Sala Antonio Caringi - UFPEL (50 x 25 cm).
Arquivo da Autora.**

Entre 1989/1991 outro momento se coloca em movimento nesta trajetória potencializando a paixão pelas mitocôndrias, com processos que modelam/

remodelam, moldam/ desmoldam uma matéria s gnica e que fazem surgir as cápsulas de 50 x 25 cm. Com elas configurou-se as "Instala es de cápsulas", com o espaço se tornando o suporte de experimenta o.

Um momento de "mudanças" chega junto com sua atua o de professora, quando começa a trabalhar na escola particular citada anteriormente, Colégio Contempor neo na cidade de Camaquã/ RS, entre o período de 2001 a 2005, e em seguida também com a EJA - Educa o para Jovens e Adultos. Uma oportunidade de experimenta es novas, um novo a percorrer. Momentos nos quais a pesquisadora percebe que se sinalizava e colocava em curso muitos "estranhamentos". As leituras de Jorge Larrosa com o "*experiri*"... "*periri*"... "*periculum*" (Larrosa, 2009), ajudam-na a pensar a promo o de exercícios movidos por uma inquietude que já a levavam a um deslocamento. Diante do aceite ao convite a integrar o corpo docente no ensino privado com o ensino de arte, outras percep es acerca de aprendizagem se estabeleceram, outros modos de estudar a colocaram como uma aprendente entre aprendentes. O material didático oferecido pelo Colégio Contempor neo trazia propostas nas quatro linguagens integradas com literatura, cuja supervisão pedagógica dava apoio às iniciativas. Mas a resistência ao novo, como a primeira das dificuldades começou pelos próprios alunos, que até então estavam acostumados com trabalhos voltados a ensaios para peças teatrais e esquetes. Eles, desde as séries iniciais e do ensino fundamental faziam "trabalhinhos manuais" voltados a apresenta es para os eventos realizados nas datas consideradas mais importantes para o colégio, como o Dia das Mães, Páscoa, Dia dos Pais, dentre outras.

Aos poucos novas propostas, tanto com artes visuais principalmente com interven es pelos corredores e patamares das escadarias, bem como outras propostas envolvendo música, dança e dramatiza es, começavam a gerar interesse envolvendo aos poucos não são os alunos, mas a comunidade escolar, com a parceria e apoio de colegas professores. Neste contexto surgiu a Semana Contemporânea em Arte que chegou a três edi es, dando abertura a exposi es, apresenta es e oficinas com artistas convidados integrando os quatro segmentos da arte.

No curso de pós-graduação *Lato-Sensu* do IFSUL *campus* Pelotas/ RS, ao termino das atividades do primeiro semestre em 2014, na etapa cujo tema trabalhado foi “Currículo”⁶, para a última avaliação os alunos que eram professores de artes foram provocados pelo professor da disciplina a entregar um artigo final de uma forma menos clichê (Figura 03 e 04). Este momento foi marcante, pois a autora entregou o trabalho em uma garrafa de vidro incolor, despertando com força o desejo de investir nesta temática, criando outras propostas, pesquisando mais sobre as histórias com estes invólucros silícicos mensageiros. Este fato a estimulou criar a instalação artística que faz parte do campo problemático desta dissertação.



Figura 3 - Artigo entregue em um invólucro silícico mensageiro no pós- graduação Lato- Senu IFSUI *campus* Pelotas/ RS, ao termino das atividades na etapa Currículo com Prof. Dr. Donald Kerr Jr. (Goy) no primeiro semestre em 2014. Arquivo da autora.

⁶ Este seminário foi ministrado pelo Prof. Dr. Donald Hugh de Barros Kerr Jr. (Goy), sua proposta de avaliação ao termino das atividades na etapa Currículo com Prof. Dr. Donald Kerr Jr. (Goy) no primeiro semestre em 2014. No pós-graduação *Lato- Senu* IFSUL *campus* Pelotas –RS.



Figura 4 - Artigo entregue em um invólucro silícico mensageiro no pós-graduação Lato- *Sensu* IFSUI campus Pelotas/ RS, ao termino das atividades na etapa Currículo com Prof. Dr. Donald Kerr Jr. (Goy) no primeiro semestre em 2014. Arquivo da autora.

Buscando transparências em forma de garrafas, e (já bem raras) as de vidro e sem inserção de óxidos e chumbo, ou seja, incolores, desde o trabalho da pós-graduação a pesquisadora vem as coletando. Contou com a colaboração e doações de conhecidos, bem como recorreu aos canteiros gramados de avenidas e praças em Pelotas/ RS e às vezes em Camaquã/ RS, durante as caminhadas pelas manhãs, onde são descartadas com frequência.

Colecionar estas garrafas descartadas, ainda rotuladas e na maioria das vezes meio sujas, fez com que a pesquisadora se deslocasse diante destas “pistas” deixadas por terra. Foi durante estes momentos que ela veio a pensar em sinalizações, como aqueles pedidos de socorro de náufragos embriagados na solidão do mar, desejosos de serem encontrados e resgatados, na esperança de que alguém lesse sua mensagem. Mas, mesmo com as garrafas ainda vazias **sem** “mensagens escritas” em papéis, a pesquisadora já percebia subentendido em seus

descartes algo a ver com ideias, pensamentos, provocações, ainda que no começo não soubesse exatamente o que eram ou poderiam ser, mas havia algo apontando para elas, como se uma garrafa abandonada no gramado de uma rua pudesse dizer algo, de trazer algo em seu “conteúdo”.

Houve um cuidado na escolha das garrafas durante as coletas. O olho parecia cada vez mais “treinado” para perceber as que mais se adequassem, ou seja, buscar aquelas mais transparentes e incolores. Seleccionava sempre imaginando como oferecer uma maior visibilidade às mensagens que estariam portando em seu interior. Do ponto de vista de sua materialidade cada garrafa ia sendo incluída em um projeto futuro, sendo componente gerador de sentido a partir do que se toca, deseja, desvela, desposa (Figuras 05 e 06).



Figura 5 - COLETANDO GARRAFAS. Arquivo da autora.



Figura 6 - COLETANDO GARRAFAS. Arquivo da autora.

Novas possibilidades para realização de práticas pedagógicas aconteceram durante seu estágio docente⁷ no curso de Mestrado. Dentre algumas propostas realizadas os alunos do curso de Design, onde ocorreu o estágio, foram envolvidos com movimentações sobre instalação artística (Figuras 07 e 08).



Figura 7 - "OS CINCO SENTIDOS" - Aula/ Estágio ministrada 24 de Novembro 2015-Turma de Bacharelado em Design - IFSUL- campus Pelotas. Arquivo da autora

⁷ O programa de Mestrado oferece a oportunidade para um estágio “Atividade Orientada à Docência no Ensino Superior, com no mínimo 15h. O estágio realizou-se no curso de Bacharelado em Design – IFSUL *campus* Pelotas- RS, na disciplina “Experiências Estéticas”. A disciplina de Experiências Estéticas pretende aprofundar os estudos sobre Estética e Contemporaneidade, Experiência Estética e Estesia. Para tanto promove experiências estéticas e estésicas com e para os aprendizes. Disponível em: file:///C:/Documents%20and%20Settings/Personal/Meus%20documentos/Downloads/apendice_iv_em entas.pdf. Acesso em 20 Janeiro 2016.



Figura 8 - "OS CINCO SENTIDOS" - Aula/ Estágio ministrada 24 de Novembro 2015-Turma de Bacharelado em Design - IFSUL- campus Pelotas. Arquivo da autora.

Assim, para esta dissertação foi-se construindo a possibilidade de pensar em uma outra condição para o “educar”, estando este em relação ao “aprender”, atravessado pela filosofia e a arte, ou seja, uma educação que promova deslocamentos voltados ao sensível e aos espaços menos “enrijecidos” pelos pensamentos arraigada.

Então, para auxiliar no percurso que segue repete-se questões de pesquisa: como uma experiência com uma proposta de arte contemporânea promove uma “educação” pelo *aprender*? Quais *saberes* são construídos e compartilháveis na experiência desde a produção da instalação até sua apropriação pelo público por meio de garrafas com mensagens? Como esta dissertação promove um sair da educação pela própria educação?

1 A instalação artística...

A instalação foi realizada durante o dia 09 Junho de 2016 no térreo do *campus* numa área de aproximadamente de 7,5 m² logo após o hall de entrada (Figuras 09 a 11). Foi composta com 61 garrafas de vidro incolores com tamanhos variados arrolhadas, que ficaram sobre uma camada de areia pelo piso, e parte em caixas de madeira. Integraram esta instalação outros objetos que remetem a um lugar portuário, referenciando a simplicidade da beira de praia (lagoa/ mar), uma escrivaninha, por caixas de madeira (frutas e legumes), garrafas, pedaços de redes de pesca, pedaços de sacos de juta, conchas de mar e areia de praia (Figura 12 e 13). No espaço dispusemos de crayons, bastões de carvão mineral e vegetal, lápis grafite, lápis de cor, folhas de papel com linha e sem linhas para quem desejasse deixar alguma mensagem.



Figura 9 - Local de montagem da Instalação. Projeto gráfico da autora. Arquivo da autora.



Figura 10 - Local de montagem da Instalação. Orientador Alberto Coelho conferindo o local.
Arquivo da autora.



Figura 11 - Local de montagem da Instalação. Arquivo da autora.



**Figura 12 - Local de montagem da Instalação – Fotos da jornalista Greice Gomes.
Arquivo da autora.**



**Figura 13 - Local de montagem da Instalação – Fotos da jornalista Greice Gomes.
Arquivo da autora.**

A LINHA

"A LINHA nasceu do Ponto.

Um ponto atrás do outro.

É só puxar o fio da meada.

A linha pode ser reta, curva, poligonal ou quebrada.

Acho que vou levar um choque,

pois parece sempre agitada[...]

[...] vai com calma, traço e ponto,

é uma linhasinha.

Ela tem sempre um quê de pontinho,

e a alma tracejada.

Tudo isso depende do

traçado da linharada.

Aí é o fim da linha!

Marister Motta Bello

Esta instalação teve como objetivo simular um ambiente de experimentação no hall do campus, que destoassem da rotina e provocasse o olhar. Seu propósito buscou produzir material conceitual para esta dissertação, a partir daquilo que foi oferecido como elemento propositor, intercessor e disparador de possibilidades para encontros potentes em um espaço preparado. Um convite, uma oportunidade para um aprender diante do experimentável e do inesperado.

Com a instalação buscamos convidar os visitantes a interagirem, para depois ouvi-los sobre o que o encontro com a instalação produziu como saberes - histórias, recordações, desejos, inspirações, afetos. Estas interações foram realizadas mediante registros em filmagens, fotos e escritas⁸. Com a instalação buscamos tratar de um aventurar-se!!! Como quando nos apropriamos das brincadeiras desenhadas e traçadas por Saul Steinberg⁹ com “As aventuras da linha” (Figuras 14 e 15), ou com a poesia contemporânea “A linha”, de Maristher Motta Bello¹⁰.

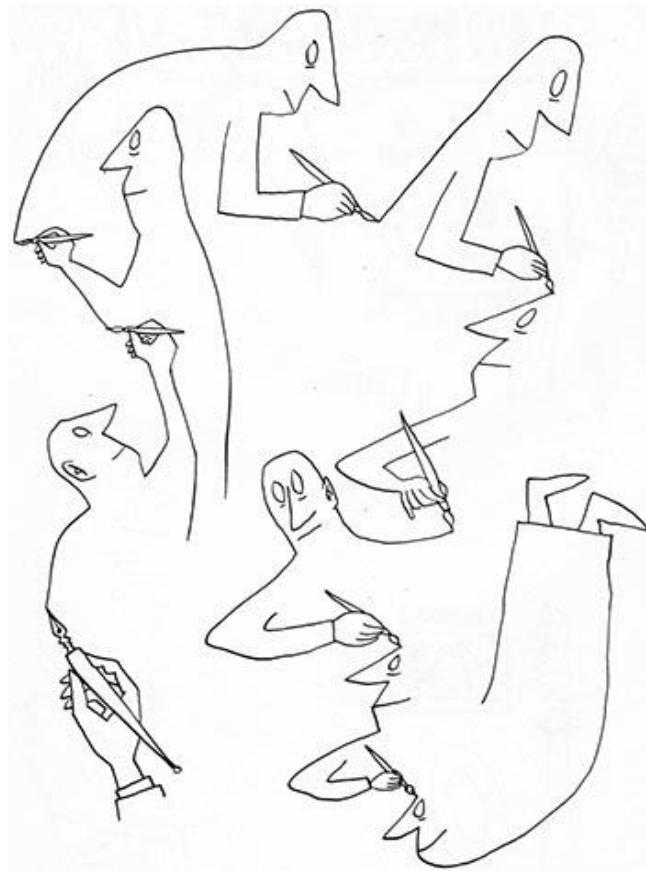


Figura 14 - Saul Steinberg - Untitled...1944. Fonte: Internet.

⁸ Podemos contar com a colaboração de alguns de meus alunos/ amigos da disciplina de Experiência Estética – que concluíra recentemente do Bacharelado de Design, e amigos/ colegas e professores de pós-graduação e mestrado.

⁹ KARINE, L. (21 de JANEIRO de 2011). Saul Steinberg (1914-1999). Disponível em Topic 55: <http://topic55.blogspot.com.br/2011/01/saul-steinberg-1914-1999.html>. Acesso em 03 de FEVEREIRO de 2015.

¹⁰ Ver em BELLO, Maristher Motta. A linha. 2003 In.: BELLO, Maristher Motta e BELLO, Paulo C. Motta . Arte - Ensino Fundamental 5ª Série 6º Ano - Vol 2 - Articulando, p. 09. Gráfica e Editora Posigraf - Editora Positivo. Curitiba - PR - 2007 .

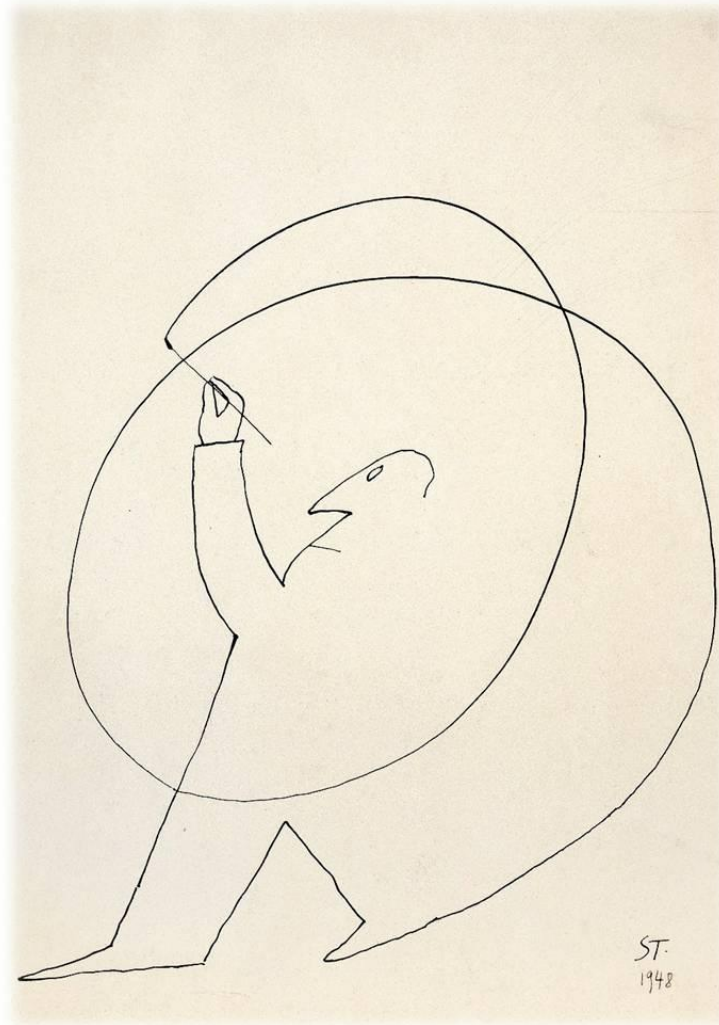


Figura 15 - Untitled, 1948. Ink on paper, 14 1/4 x 11 1/4"- Saul Steinberg. Fonte: Internet.

O tema escolhido para a instalação artística, que diz respeito a mensagens em garrafas, transportou a pesquisadora para buscas e pesquisas de histórias reais sobre lançamentos destes invólucros silícicos mensageiros, principalmente por água. Entre muitas histórias interessantes foi sobre a tripulação de um cargueiro sequestrado em 2011, que após o envio de uma mensagem em garrafa foram salvos por oficiais britânicos. Os marinheiros contam que ao permanecerem presos em uma parte blindada da embarcação, conseguiram jogar a mensagem ao mar e dentro de poucos dias dois navios chegaram para libertá-los. A mensagem, que explicava que estavam salvos e bem, foi encontrada pelas forças especiais antes que os piratas conseguissem invadir todo o navio chegando ao local onde estavam. Os tripulantes foram todos resgatados sem ferimentos e os piratas foram presos (Figura 16).



Figura 16 - Foto Do Navio cargueiro sequestrado por piratas em 2011. Fonte: Internet.

Deste fato ocorrido com os tripulantes do barco¹¹, a pesquisadora se põe a pensar sobre a educação e sua pesquisa, percebe que como ocorreu com estes tripulantes, ao perceberem que era preciso agir, que precisavam encontrar uma forma de pedir socorro para sobreviverem. Trata-se de um movimento de experiência cujo espaço torna-se, entre vida e morte, um encontro disparador como linha de fuga que os lança para fora estando dentro. Multiplicidades e devires entre o homem arborescente e, ao mesmo tempo, rizomático (Deleuze; Guatarri, 1992). A pesquisadora pensa que talvez estivesse muito próximo do que suas investigações e questões de pesquisa buscam. Pensa sobre a educação e que embora uma instituição de ensino que principalmente na atualidade ofereça tantos recursos e tantas formas de comunicação e tecnologias em favor de um ensino e suas práticas, talvez não toque ou movimente o que realmente impulse a uma aprendizagem. É possível que assim como em 2011 naquele navio, provavelmente bem equipado tecnologicamente falando e uma formação de pessoal bem treinada, os modos e os recursos de comunicação instalados não foram suficientemente capazes, acessíveis, operáveis ou eficazes para intermediarem a realização dos pedidos de resgate, mas sim uma garrafa (disparador do sensível?) que se encontrava por ali ou em algum canto levando-os a esta experiência: uma escrita num pedaço de papel... “o pedido de socorro contendo as informações sobre as condições dos tripulantes”, “as

¹¹ LEITE, M. (15 de Julho de 2013). MENSAGENS EM GARRAFAS! 8 HISTÓRIAS MUITO CURIOSAS! Disponível em: meus links: <http://www.meuslinks.com/126689/rd/mensagens-em-garrafas-8-historias-muito-curiosas>. Acesso em 28 de Setembro de 2015.

descrições do navio e talvez alguma provável localização” (Leite 2013). Daí o lançamento – teria se dado através de alguma vigia?! – e lá foi, sem nenhuma certeza! E as prováveis perguntas internas: as correntes marítimas a levariam a algum lugar em tempo? Chegará a ser lida por alguém que pudesse resgatá-los com vida?

A instalação artística foi uma montagem pensada como um espaço pedagógico proponente de uma formação do sensível (Fariana, 2008). Espaço para provocar deslocamentos de territórios, de novos traçados, possibilitando um aprender que se põe diante do que pode ser inventado a partir da própria experiência.

Desta forma, pensou-se nas mensagens em forma de pergaminho, dentro de garrafas de vidro¹², um recipiente que guarda e protege algum tipo de fluido, este invólucro portando algum tipo de discurso - escritos, traçados, desenhos e mapas, usados em pesquisas de rotas marítimas, pedidos de socorro de náufragos. Lembranças e vivências de proximidade com este material tocam quanto a promover e significar o que o vidro e sua transparência pode oferecer para uma *experiência estética* (Pereira, 2011). Este autor nos diz em seu trabalho “Contribuições para entender a experiência estética” que:

Para que se possa viver uma experiência estética, antes de tudo, é preciso assumir uma atitude estética, ou seja, assumir uma *posição*, uma postura que constitua e configure a nossa percepção. Não como uma intencionalidade, uma premeditação, uma antecipação racional do que está por vir, mas como uma disposição contingente, uma abertura circunstancial ao mundo. [...] A atitude estética é uma atitude *desinteressada*, é uma abertura, uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento “em si”, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que ele produz em mim, na minha percepção, no meu sentimento. (PEREIRA, 2011, p.114).

¹² O vidro é formado por uma substância base, a sílica (SiO₂), e são adicionados a ela alguns compostos iônicos como óxido de cálcio (CaO) e óxido de chumbo (PbO). Acesso em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=528>. Disponível em: 06 Outubro 2015.

Trata-se também da vida da pesquisadora que quando criança se atraída para o quintal de sua casa para brincar/ aprender com os cacos de vidros¹³, e que nesta pesquisa volta a ser movida e impulsionada a outras experiências silícicas buscando montar outros espaços aprendentes.

Para o espaço proponente de aprendizagem da instalação artística, oferecedor de possibilidades para possíveis experiências estéticas, percebe-se potencialidade na promoção de experiências através dos sentidos, ou seja, da *aisthesis*, “percepção através dos sentidos e/ou dos sentimentos” (Feitosa, 2004, p. 110).

Contextualizando a instalação artística que compõe esta pesquisa, se investigou outras iniciativas realizadas no IFSUL *campus* Pelotas/ RS, que também tiveram como objetivo propor espaços de experiências estéticas com arte. Nestas propostas também houve uma vontade de ampliar o tema da experiência estética no *campus* do IFSUL, trabalhando no sentido de reforçar o que esta investigação segue, ou seja, propor um espaço de criação para perceber quais repercussões podem acontecer no aprendizado dos participantes, quer dizer, como uma experiência com uma proposta de arte contemporânea promove uma “educação” pelo *aprender*, quais *saberes* são construídos e compartilháveis na experiência, fazendo desta dissertação uma promotora de saída, sair da educação pela própria educação (Deleuze; Guatarri, 1992) pensando nas relações pedagógicas e estéticas que se evidenciam no trabalho com arte.

Buscando o percurso histórico das primeiras intervenções artísticas no IFSUL *campus* Pelotas, entrevistaram-se alguns professores que movimentaram e ofereceram momentos e espaços com arte contemporânea dentro da instituição. Através de encontros agendados foi-se mapeando tais experiências. No curso de pós-graduação em Educação, ano de 2009, com a Prof. Dra. Cynthia Farina, no Bacharelado em Design, nas disciplinas de Experiências Estéticas, com o Prof. Dr. Donald Kerr Jr (Goy), e de História da Arte, com o Prof. Dr. Alberto Coelho (orientador nesta pesquisa); bem como as intervenções da Prof. M^a Cecília Boanova em 2014.

¹³ Experiências da pesquisadora em sua infância quando morou com sua família em uma casa na cidade de Santa Cruz do Sul/ RS, onde em uma parte do quintal encontrava cacos de vidros de muitas cores).

2 Encontro com Prof. Dra. Cynthia Farina...

Começamos com o relato da Prof. Dra. Cynthia Farina, o qual foi ouvido na sala de orientação do nosso mestrado, no dia 01 de outubro de 2015, regado com um delicioso café, cujo aroma perpassava os ambientes mais próximos. Esta conversa ofereceu um envolvimento de muita intensidade, pois as falas da professora remontavam e atualizavam as experiências realizadas com o projeto NBP (Novas Bases para a Personalidade), proposta do artista plástico Ricardo Basbaum, trazidas ao IFSUL *campus* Pelotas em 2009. O objetivo foi oferecer espaços de formação do sensível com os cursos de extensão, tanto com o corpo docente da rede de ensino, quanto ao discente do Curso de Bacharelado em Design. Momento que deu abertura e continuidade ao projeto do artista através de oficinas (conexões). Segundo o site oficial do projeto, indicado e orientado para maiores e mais detalhados mapeamentos e consultas, o NBP é “uma peça itinerante que colocada ao alcance ou a disposição do público, transforma-se em quase um programa para ações, uma espécie de motivação geral/ pretexto de trabalho – um meio para impregnação do espaço” (Farina, 2009, p. 1). O site também traz os registros por vídeos e fotografias destas experiências, além de outros lugares por onde passou, com sua agenda e acolhimento¹⁴. Dentro dos questionamentos bem perceptíveis, como: “para que serve?”, ou, “o que fazer com isto?”, parece que de indagação em indagação sobre a NBP, entre o “ser ou não ser útil”; ou ainda, o “ser ou não ser obra de arte”; mostra-se nas próprias ações, o que nos envoltimentos coletivos e nas experimentações passaram a transformar-se em muitas possibilidades (Figuras 17 a 19).

¹⁴ FARINA, Cynthia. (16 de Março de 2009). **Políticas do Sensível no Corpo Docente**. Disponível em NBP- NOVAS BASES PARA A PERSONALIDADE: <http://www.nbp.pro.br/blog.php?experiencia=128>. Acesso em 06 de Outubro de 2015.



Figura 17 - Intervenções com NBP em 2009 no IFSUL campus Pelotas. Fonte: Internet.



Figura 18 - Intervenções com NBP em 2009 no IFSUL campus Pelotas. Fonte: Internet.¹⁵

¹⁵ Grupo de Professoras de arte da Secretaria Municipal de Educação de Pelotas, RS, participantes da Oficina 'Criar um mundo: lições práticas', contido no Projeto de Pesquisa 'Políticas do sensível no corpo docente. Arte, filosofia e formação na contemporaneidade', proposto e desenvolvido pelo GP EXPERIMENTA.



Figura 19 - Detalhe do centro da obra NBP adesivada pelo grupo. Intervenção em 2009 no IFSUL campus Pelotas. Fonte: Internet. Figura 20 - Detalhe do centro da obra NBP adesivada pelo grupo. Intervenção em 2009 no IFSUL campus Pelotas. Fonte: Internet.

Nesta oportunidade, diante do aceite da Prof. Dra. Cynthia Farina em colaborar com a instalação artística com uma mensagem; recebeu conforme registro fotográfico, um invólucro silícico mensageiro, para o lançamento por terra de sua mensagem na ocasião da montagem da instalação. Esta contribuição nos foi entregue no dia da qualificação contendo de sua autoria os “Ensaio cicládicos”, com os ‘Sachês Filosóficos’ (Figura 20).



Figura 20 - Entrega do 5º invólucro silíceo mensageiro no IFSUL campus Pelotas em 01 Outubro de 2016. Arquivo da autora.

A proposta do NBP em suas tantas possibilidades de discussão no espaço educacional do IFSUL, colocou a pesquisadora em estado de encantamento desde a primeira vez que ouviu falar deste trabalho, já no primeiro semestre deste mestrado em 2015, oportunidade que se proporcionou durante o seminário “Formação do Sensível: Arte, Subjetivação e Contemporaneidade”, com a Prof. Dra. Cynthia Farina, reforçando e potencializando o desejo de avançar como aprendente nesta linha de pesquisa, mantendo em movimento o projeto da instalação artística como campo investigativo. Diz ela:

Espaços de encontro. Necessito espantar a miséria que emparelha nossa experiência individual e coletiva. Meio metida, meio ‘professora’, acho que essa é uma necessidade coletiva. E que o individual se faz, enriquece e padece no coletivo. Por isso, essa mania de chamar gente para brincar junto. Mania de grupo e propagação. A miséria da solidão, a miséria da informação, se desvia junto. (FARINA 2009, p.1/4)¹⁶.

¹⁶ FARINA, Cynthia. (16 de Março de 2009). **Políticas do Sensível no Corpo Docente**. Disponível em NBP- NOVAS BASES PARA A PERSONALIDADE: <http://www.nbp.pro.br/blog.php?experiencia=128>. Acesso em 06 de Outubro de 2015.

Embora neste projeto as oficinas e seminários terem acontecido dentro de salas no instituto, os registros mostram que houveram deslocamentos brincantes para além da sala de aula. Momentos registrados no Seminário Ensino-aprendizagem do Programa de Pós-graduação em Educação, Núcleo Educação, arte e filosofia, IFSUL¹⁷, transformaram-se em possibilidades que se encaminharam no coletivo neste trabalho, que encantaram a pesquisadora, impulsionando-a e potencializando-a a prosseguir em suas investigações.

A pesquisadora mesmo que não tenha estado presencialmente nestes momentos do projeto NBP no IFSUL em 2009, ao pesquisar o que foi produzido e disponibilizado como registros através no site do projeto, foi tocada pelos momentos que aconteceram para além da sala de aula! A NBP misturada com Cythia Farina ao deslocar-se pelos corredores através dos oficineiros que misturavam-se também a elas enquanto a carregavam, provocam desejos de participação, de junção àquele movimento. A pesquisadora dá-se conta que está gritando internamente: também quero! Preciso disto!

São forças que seguem a se produzir, mas sem reprodução... passam a acontecer de outras e muitas outras formas, que também tem a ver com a instalação montada em Junho de 2016. Mistura-se intensamente neste desejo de improvisação, de produção de sentidos através do sensível deixando e permitindo acontecer o inesperado.

3 Encontro com Prof. Dr. Alberto Coelho...

O segundo encontro foi com o Prof. Dr. Alberto Coelho quem orienta esta pesquisa. Propositor no ano de 2013 no IFSUL *campus* Pelotas do projeto de pesquisa, intitulado “Aprendendo: intervenções e produção de saberes sensíveis no *campus* Pelotas”, cujos objetivos foram montar intervenções visuais (projeções) para instaurar uma espécie de debate acerca da capacidade potencializadora das imagens no cotidiano, e produzir/ divulgar saberes reveladores de comportamentos,

¹⁷ Ver: <https://youtu.be/S3SPgT0RjNk>.

hábitos, crenças, preconceitos e desejos, a partir de experiências estéticas com imagens projetadas, para o campo da educação.



Figura 21 - Vídeo com o movimento de nuvens. Arquivo pessoal de Alberto Coelho.

Então, como disparadores de estranhamentos ofereceu um vídeo com o movimento de nuvens, se deslocando muito suavemente, projetado no teto da escadaria em “L” que dá acesso ao curso de Design (Figura 21), e o vídeo de um trapiche que segue a uma praia de mar, colocado ao final do corredor do primeiro andar (Figura 22).



**Figura 22 - Vídeo de um trapiche que segue a uma praia de mar.
Arquivo pessoal de Alberto Coelho.**

Diz o professor que a investigação a qual estas projeções se referem, aconteceram principalmente através do seguinte questionamento: como os professores do IFSUL lidam com experiências que dizem respeito as afecções que a arte promove? Quando eles mostram uma preocupação que transita entre produzir conhecimento e produzir saberes? Estas questões buscaram destacar os espaços de considerável trânsito e acessibilidade do IFSUL *campus* Pelotas como espaços de experiência estética.

[...] a intenção era de romper com um cotidiano que é tão desprovido desta visualidade, mais colorida, com algo fora de contexto, por que afinal de contas vamos olhar para os corredores e encontrar só comunicações em cartazes fixados em murais. Desta forma as propostas provocam um sair do contexto usual.¹⁸

A pesquisadora percebe importantes aproximações com suas investigações quando o Prof. Alberto compartilha o que experimentou e mapeou após as duas propostas tratando por “Indicadores de resultados finais do projeto” como:

¹⁸ Projeto JIC 2014 Disponível em file:///C:/Documents%20and%20Settings/Personal/Meus%20documentos/Downloads/JIC_poster_2014.pdf. Acesso em: 18 de Novembro 2015.

Participação significativa de alunos, técnicos-administrativos e professores do campus Pelotas. Comunidade do campus Pelotas mais atenta aos modos de viver e compor um mundo menos mecanicista, regrado, e mais livre, criador. Professores com maior interesse e abertura às experiências menos reprodutoras e mais provocadoras do novo, da invenção, do estranhamento (*Idem* Projeto JIC 2014).

E ainda, “Repercussão e/ou impactos dos resultados”:

Necessidade de continuar investindo no sensível, na constituição de um modo de vida mais aberto e criador, menos tecnicista e mais “humano”, atualizando o perfil da comunidade do campus Pelotas quanto ao passado de uma “escola técnica” que ainda transita pelos corredores. Que este “modo de vida” esteja implicado com um novo “modo de aprendizagem” em todas as salas de aulas do campus. (*Idem* Projeto JIC 2014).

Estes indicadores de resultados finais e o que considerou como impactos dos resultados transportaram a pesquisadora ao dia da instalação artística no hall no IFSUL *campus* Pelotas naquela quinta-feira de Julho de 2016, quando alguns colegas, ao saberem da pesquisa e quem orientava, traziam outras intervenções e provocações, presenciadas ao longo dos anos nos corredores e outros espaços do campus. Estes participantes aprendentes demonstravam uma emoção intensa ao falarem das experiências e do quanto consideravam importante o que estava acontecendo ali com aquela instalação. Tudo isto tocava a pesquisadora como em turbilhões de emoções, misturavam-se ao cheiro de areia úmida as falas, os sons do vídeo que ia sendo projetado no painel no espaço com ondas do mar e o tilintar de garrafas de vidro. Ali estava uma realidade acontecendo.

4 Encontro com Prof. Ma. Cecilia Oliveira Boanova...

Outra proposta vem com a Prof. Ma. Cecilia Oliveira Boanova. Ela conta em entrevista no dia 08 de Julho de 2016 que foi tocada/ impactada pelo livro “Eu sou Malala”, este conta a história da menina indiana, que defendendo o direito pela educação foi baleada pelo Talibã. O filme descreve as realidades de seu povo, trazendo questionamentos acerca das proibições destas forças dominadoras.

Boanova diz que em um trecho do livro, Malala conta que as mulheres não podem usar sapatos brancos, porque esta é a cor do profeta, e os homens não sofrem essa proibição. O livro a inquieta em vários aspectos a ponto de montar uma intervenção que marcou a passagem da Semana Internacional da Mulher em Março de 2014¹⁹ nos corredores do Curso em Design no IFSUL *campus* Pelotas. Sob o título “sapatos brancos”, Cecília Boanova faz a montagem expondo sapatos variados em tamanhos, bem como em diversos brancos (sapatos usados emprestados de um brechó), que ficavam em exposição sob módulos brancos de madeira (Figuras 23 a 26).

Estou com saudades de mim. Ando pouco recolhida, atendo demais ao telefone, escrevo depressa, vivo depressa. Onde está eu?

Preciso fazer um retiro espiritual e encontrar-me enfim – enfim, mas que medo – de mim mesma.

Clarice Lispector, 24 de julho de 1971

Vivemos apressadamente, não há tempo para nada, ou para pouco. Pouco de nós mesmos, este é o convite que faz duas mulheres artistas, Cecília e Clarice, desacelerar o cotidiano e enfrentar o medo. Medo que a pequena Malala, do Afeganistão, enfrentou e questionou. A pequena Malala colocou em dúvida os costumes de seus pais, de seu país e do próprio Talibã, que proibia as mulheres de rir alto, frequentar a escola ou de até mesmo usar sapatos brancos. Malala lutou fervorosamente até ser atingida por um disparo de uma arma do grupo Talibã. No livro “Eu sou Malala: a garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã” (2013), a pequena garota nos conta sobre a proibição das mulheres usarem sapatos brancos, Malala nos mostra como podemos ser estrangeiros em nossa própria terra, como podemos começar a ver e transformar o lugar que vivemos. Esta mostra faz um convite para pensarmos um pouco mais nas condições de diferença e gênero, e de respeito à construção de subjetividades a que todo o ser humano tem direito, seja homem ou mulher, e até mesmo de matricular-se em uma escola.

¹⁹

Entrevista.

Acesso

em

:

http://www.pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=868:exposicao-de-arte-contemporanea-marca-a-passagem-da-semana-da-mulher-&catid=4:noticias.%20Acesso%20em%2020%20de%20%20Outubro%20de%202016. Disponível em: 20 de Outubro 2016.



Figura 23 - Intervenção “sapatos brancos”. Corredor do Design IFSUL *campus* Pelotas em 2014. Arquivo Cecília Boanova.

A matéria divulgada conta que a professora também instigou os alunos em suas aulas de arte com relação às proibições que ainda estão presentes no cotidiano, afirma que, para ela, o Dia da Mulher não é uma data para comemorar e sim, refletir. “Nos parece que é tudo muito livre e que as questões de igualdade são estabelecidas naturalmente. Quando atentamos para alguns detalhes, percebemos que pequenas ações, que para nós tratam-se de sutilezas, nos fazem desiguais”, afirma.

A instalação conta com objetos que pertenceram a diferentes mulheres. São descontextualizados para servir à proposta de fazer pensar. “O grande barato da arte contemporânea é esse, cada um dá uma dimensão ao que está vendo de acordo com sua subjetividade”, diz a professora.

Aqui seguem algumas fotos e a apresentação escrita pelo Prof. Dr. Donald Hugh de Barros Kerr Júnior, o Goy anexada a parede no espaço da exposição.

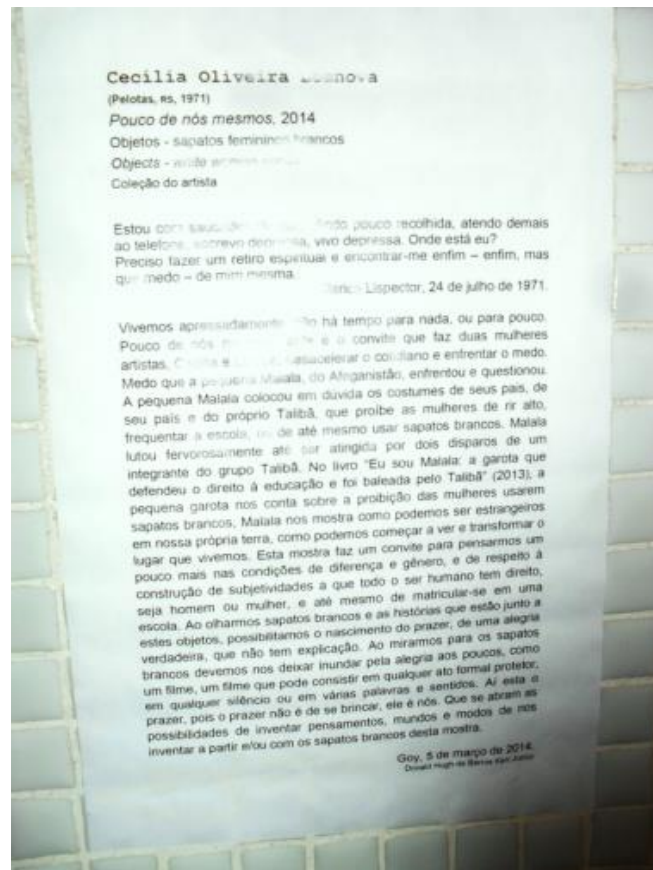


Figura 24 - Foto da apresentação escrita pelo Prof. Dr. Donald Hugh de Barros Kerr Júnior, o Goy. Arquivo Cecília Boanova.



Figura 25 - Intervenção “sapatos brancos”. Corredor do Design IFSUL campus Pelotas em 2014. Arquivo Cecília Boanova.



Figura 26 - Intervenção “sapatos brancos”. Corredor do Design IFSUL campus Pelotas em 2014. Arquivo Cecília Boanova.

A pesquisadora emocionou-se em vários momentos, durante as falas de Cecília Boanova, quando esta trazia suas experiências e inquietações, ao mergulhar na história de Malala através do livro, levando-a ao projeto e realização de sua exposição. Diante da experiência de Cecília, dialogava com pensamentos, conexões e sentimentos manifestos - escritas, desenhos, sons.

Interessante quando ela fala na entrevista sobre o ser mulher e este educar-se e suas lutas, que além das lutas internas também se apresentam as externas! Como mulheres realizamos muitos enfrentamentos em nossas realidades. O que se escolhe e o que não se escolhe desde nossa concepção, bem como quando começamos a ser conduzidos às instituições escolares? O que geramos como expectativas? Às vezes encontros agradáveis e potencializadores por nossas histórias pela educação, mas muitas vezes um inesperado que nos paralisa. Quais sapatos sonhamos em calçar? Quais tons de branco desejamos experimentar? Queremos usar calçados?!

O que trouxemos aqui sinaliza e abre muitos canais e conexões com o que a arte pode alcançar e disparar ao encontro da produção de conhecimento e saberes pelos sentidos. As tantas maneiras de envolver um público em uma instituição de ensino como o IFSUL aqui apresentadas, nos ajudam a perceber a potência que se

mostra e acontece diante de tais eventos, corroborando com os resultados desta investigação.

CAPITULO II – O educar como aprender: um processo implicado com o sensível

Para nos ajudar a problematizar a educação tradicional, campo investigativo onde se realiza este estudo, com Saviani (1991) pensamos o método pedagógico estruturado que todos conhecemos, o *método expositivo*:

[...] todos passaram por ele, e muitos estão passando ainda, cuja matriz teórica pode ser identificada nos cinco passos formais de Herbart. Esses passos, que são o passo da preparação, o da apresentação, da comparação e assimilação, da generalização e da aplicação, correspondem ao método científico indutivo, tal como fora formulado por Bacon, método que podemos esquematizar em três momentos fundamentais: a observação, a generalização e a confirmação. (Saviani, 1991. p.55).

A base do desenvolvimento da ciência moderna que chega até hoje - este método pedagógico, científico e indutivo - formulou-se na movimentação filosófica do empirismo, entre os séculos XVI a XVIII, remontando ao que os frades Robert Grosseteste e Roger Bacon, já no século XIII, pesquisavam e realizavam na universidade de Oxford, reconhecendo e valorizando o que a ciência seria capaz de realizar em favor da humanidade. Foi o filósofo Francis Bacon (1561 – 1626) pertencente à nobreza inglesa²⁰, cuja máxima “saber é poder”, quem norteou e marcou este pensamento, ao planejar uma grande obra, a *Instauratio magna* (A grande instauração), na qual se encontra o *Novum organum* (Novo órgão) que traz como subtítulo “Indicações verdadeiras acerca da interpretação da natureza”, ou seja, “órgão” como instrumento do pensamento. Afirma-nos Lúcia Aranha que:

[...] a indução baconiana, visa a estabelecer leis científicas, por isso deve proceder à enumeração exaustiva de manifestações de um fenômeno, registrar suas variações, para então testar os resultados por meio de experiências. (ARANHA, 2009, p. 174).

Também, e ainda entre os empiristas deste período, surgem John Locke (1632-1740), e David Hume (1711-1776). Locke foi um filósofo inglês a quem se

²⁰ Chanceler no governo do rei Jaime I.

atribui a obra “Ensaio sobre o entendimento humano”; problematizando a essência, origem e o alcance do conhecimento, humanamente falando. Teve um grande destaque como teórico do liberalismo com a obra “A autonomia da política”, bem como um forte contra ponto a Descartes quanto a sua doutrina das ideias inatas, o que também o tornou conhecido por sua afirmação que, a alma é como uma *tabula rasa*, ou seja, uma tábua sem inscrições (Aranha, 2009). A Hume, filósofo escocês é conferido levar bem mais a frente o que Francis Bacon e John Locke haviam pesquisado:

Conforme a tradição empirista, em sua obra *Tratado da natureza humana*, Hume preconiza o método de investigação, que consiste na observação e na generalização. Afirma que o conhecimento tem início com as *percepções* individuais, que podem ser *impressões* ou *ideias*. A diferença entre elas depende apenas da força e da vivacidade pelas quais as percepções atingem a mente. (ARANHA, 2009, p. 176).

A autora aponta que quando o filósofo escocês fala de *impressões*, dirá que se trata das “*percepções* originárias que se apresentam à consciência com maior vivacidade, tais como as sensações (ouvir, ver, sentir dor ou prazer etc.)”, e, ao falar em *ideias* dirá que “são as *percepções* derivadas, cópias pálidas das impressões e, portanto, mais fracas” (Aranha, 2009).

Nesse sentido, o sentir (impressão) distingue-se do pensar (ideia) apenas pelo grau de intensidade. Além de que a impressão é sempre anterior e a ideia dela depende. Desse modo, Hume rejeita as ideias inatas. (ARANHA, 2009, p. 176).

O empirista Hume despreza a existência das ideias inatas dizendo que estas vêm posteriormente às impressões. Então, a partir de uma impressão sensível, ou seja, de experiências, as nossas ideias derivam, e a partir daí começamos a falar de produção de conhecimento. Gilles Deleuze, estudioso de Hume nos aproxima do conceito de *aprender*, possibilitando pensar em educação para além do método tradicional uma vez que esta se pauta mais pelas ideias inatas. Nesta dissertação pensa-se num aprender que vai ao encontro da experiência com arte, daquilo que ela oferece como sensação, percepção, afecção.

Em Proust e os Signos, Deleuze diz:

Enfim, a própria arte parece ter seu segredo nos objetos a descrever, nas coisas a designar, nas personagens ou nos lugares a observar; e se o herói muitas vezes duvidar de suas capacidades artísticas é porque se sente impotente para observar, para escutar e para ver. (DELEUZE, 2010, p. 27).

Neste contexto Deleuze alude sobre o signo do amor e suas formas de apreensão, ou seja, como se concretizasse nas homenagens e nas revelações através de confissões e pertenças, “devolver ao amado o que se acredita lhe pertencer” (DELEUZE 2010). Diz ele que a impressão é como que se trata de algo que vem de fora.

No entendimento da pesquisadora em Deleuze na literatura de Proust, é nesta hora que a arte vem em socorro, seja ou não em turbilhões arrebatadores alcançando o que os outros signos não conseguem.

Diante do exposto, como já foi dito, propomos nesta dissertação problematizar o método tradicional apostando que um “educar” pode se confundir com um “aprender”, cujos saberes se produzem pelo sensível, que uma experiência com arte alcança e que coloca em questão o método científico. Neste momento cabe indagarmos sobre esta produção de saberes em relação à instalação artística.

Estamos buscando por algum “saber” específico? Eles estariam em relação a uma situação de aprendizagem, algo específico com a disciplina de Arte? Com algum conteúdo de arte? Não, não se trata de aprender sobre um conteúdo de arte, mas de estar com a arte enquanto promotora de encontros sensíveis que pede ao público um “abrir-se” às intensidades que ela é capaz de desprender em suas composições, ou seja, assumir uma atitude estética. Estamos atentos mais aos processos que uma experiência com arte oferece. Assim, a proposta da instalação realizada fora da sala de aula permite pensar em um ato educador cujo ambiente está desprovido dos elementos que temos como dados, quais sejam: **o professor**, aquele que educa, que prepara e apresenta aulas; **os locais** onde ocorre uma aula, salas organizadas em classes enfileiradas, diante de um quadro-negro onde se encontrará a figura do professor e, por fim, **o método**, o “como” se educa,

sistematização previa de procedimentos que levam os alunos a comparações e assimilações, na busca por generalizar conhecimentos a serem aplicados na vida.

Mas o que se compreende por “educar”? Buscando como conceito e significação nos dicionários encontramos como: “1. Promover (no educando) o desenvolvimento harmônico de sua capacidade física, intelectual e moral.P.2. Receber educação; instruir-se.” (LUFT, 2003 p. 259). Este modo de compreensão tem norteado e permanece permeando as instituições educacionais. Neste ponto o pensamento rizomático também dialoga e estabelece conexões articulando perguntas: como se dá um educar como aprender? E, quem sabe invertendo as questões: como se dá um aprender pelo educar? Como o encontro com os signos se relacionam? Como a atitude estética pode promover entradas e saídas nestas conexões?

Diante da imagem, a qual a “educação tradicional” tem repetido, percebemos que na nossa proposta permanece o professor, comprometido com sua formação docente, porém a sala de aula torna-se o hall de entrada do *campus* Pelotas, e o método se mantém em sua preparação prévia, porém com procedimentos mais abertos, que oferece aos “alunos” possibilidades de experimentações, não como um grupo fechado, mas um grupo heterogêneo, pois no hall transita a comunidade não só do campus, mas de outros lugares.

Esta instalação buscou um modo de funcionamento que tem na provocação do “sensível” o seu combustível. As pessoas interagindo pela curiosidade, pelo estranhamento, pelo sorriso, pelo desejo de proximidade diante do inesperado. Muitos em suas falas durante a participação depositavam confiança em encontrar um *algo a mais*, “ensignare” etimologicamente falando. Parece que entra em cena o que perde significação do usual e do útil, e que diante do convite oferecido de possibilidades, outros transpasses afetivos surgiam e misturavam-se a outras formações conectadas. Não havia início nem fim nos movimentos. O Tratamento para o “sensível” aqui, dá-se no modo como a filosofia da diferença movimenta esta pesquisa, ou seja, promovendo uma produção de sentidos possibilitado pela cartografia e seus procedimentos. Fala-se aqui de uma outra estética de apreensão; da sensibilidade como condição de possibilidade de saber, desestabilizando o que tenta instalar-se como verdade, propondo novas experiências.

Estamos falando aqui da professora pesquisadora que passa a perceber que é possível trabalhar com uma educação agenciada pelo desejo produtor de realidade, não de falta, não individual, mas o desejo agenciador que se dá no coletivo, (Deleuze; Guatarri 1992), estes autores estão interessados de um além do ambiente escolarizado, oferecem um sair do lugar possibilitando e potencializando o aprender entre aprendentes.

A pesquisadora cartógrafa percebe pelos registros que se produzia por ali, uma rede de sensibilidades, conexões que iam se multiplicando a mais participações. Nos invólucros mensageiros havia algo em direção a alguma possibilidade de encontro com alguma rota/ mapa ou dados e informações pessoais desejosos de novos encontros. Percebíamos que aquele espaço conceitual misturava- se capturando-nos o tempo todo! Alguns chegavam e já iam direto a areia e aos invólucros. Abriam e liam ali mesmo agachados. Isto tocava a pesquisadora admirada e envolvida sem poder se deter só ali, mas sentia- se ali misturada naquelas experiências. Alguns não ficavam somente em uma mensagem, iam abrindo e lendo outras, a pesquisadora também queria ler junto, mas era preciso experimentar sem interferir, embora assim como outros que estavam sendo capturados, só em olhar, mesmo que de longe, já estavam na experiência.

Aprendentes entre aprendentes!!! Sons de ondas e vidros se tocando e tilintando sendo projetados num painel; areia e cheiro de areia úmida, cordas, redes de pesca, conchas de mar, caixotes de madeira, escrivaninha antiga, garrafas parcialmente enterradas na areia e outras dispostas livremente com papeis e materiais escreventes para quem quisesse produzir algo e deixar por ali... estávamos todos na obra, éramos a própria obra transformando-nos em outros modos de ser arte em devires aprendentes. Incrivelmente misturados entre mestres, doutores, bacharéis, estudantes de ensino médio e integrado, servidores, visitantes, autores... todos sonhadores vivendo uma realidade com toques turbulentos do inesperado.

E para problematizarmos o método pedagógico expositivo de educar, partimos do conceito de “aprender” fundamentado em Gilles Deleuze a partir de seus estudos sobre a obra literária de “Proust e os signos”:

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. (DELEUZE, 2010, p. 4).

Para este autor o ato de aprender está em relação à produção de signos, como se fosse uma decifração de hieróglifos, ou seja, tudo que ensina alguma “coisa” emite signos. Este processo não encontra respaldo com processos formais da matriz teórica científica, como a assimilação de conhecimentos. O aprender está voltado para uma produção de saberes desprendida de uma “aplicação” de conhecimentos, mas que na coletividade e nos encontros constrói-se num “aprender com”, que pode gerar movimentos criadores e subjetividade.

Trata-se de um aprender que não se dá no que está sendo ensinado, mas que se produz ou se dá a ver enquanto se ensina, nas ações decifradas pelo aprendente que estão nas entre linhas, está num “como se ensina” e num “como se aprende”, os seja, aprendentes decifrando signos.

Deleuze ao tratar o pluralismo do sistema dos signos diz:

Por outro lado, devemos considerar os signos do ponto de vista do processo de um aprendizado. Qual é a potência e a eficácia de cada tipo de signo? Isto é, em que medida ele nos prepara para a revelação final? Imediatamente, através de uma lei de progressão que difere segundo os tipos. E que se relaciona com outros tipos por regras variáveis? Por outro lado, devemos considerar os signos do ponto de vista da revelação final. Esta se confunde com a Arte, a mais alta espécie de signos. Mas na obra de arte, todos os outros signos são retomados, ocupam um lugar correspondente à eficácia que apresentam na evolução do aprendizado e recebem uma explicação final das características que então apresentavam, e que sentíamos sem poder compreendê-los totalmente. (DELEUZE, 2010, p. 79).

Deleuze ao tratar da matéria em que o signo é inscrito, dirá:

Os signos mundanos são mais materiais por evoluírem no vazio. Os signos amorosos são inseparáveis da força de um rosto, da textura de uma pele, da forma e do colorido de uma face: coisa que só se espiritualizam quando a criatura amada dorme. Os signos sensíveis também são qualidades materiais, sobretudo os aromas e os sabores. Somente na arte é que o signo se torna imaterial, ao mesmo tempo que seu sentido se torna espiritual. (DELEUZE, 2010, p. 80).

A pesquisadora aprende neste momento da escrita a necessidade de se estar mais aberta aos encontros neste aprender. Percebe que está cuidadosamente buscando nas suas questões de pesquisa as conexões que não param de turbilhonar. “É preciso ser dotado para os signos, predispor-se ao seu encontro, expor-se à sua violência.” (DELEUZE, 2010, p. 95). O “eu decidido” a coloca sendo ela própria cartografada. Precisa escrever, usa os fones, ora ouvindo as falas daqueles aprendentes que misturaram-se e fizeram-se parte do movimento oferecido naquele espaço pedagógico no dia 09 de Junho; ora permitindo que entre e se tramem com as escritas outras sonoridades provocadoras de novos encontros e pensamentos. Agora, “Imagem e Pensamento” de Deleuze em Proust está remexendo com a escrita.

O conceito de *encontro* ao selecionar não só do ponto de vista da materialidade/ o físico, mas também ao que diz respeito a potencializar, impulsionando ainda mais a avançar nas buscas dos modos de subjetivação que podem gerar produção de sentido a partir do que passa a desejar tocar, desvelar, desposar. Seria o que Pelbart fala quando aproxima Spinoza e Deleuze em seu ensaio dizendo que somos um grau de potencia, e que definimos pelo nosso poder de afetar os outros e de nos deixarmos afetar também, o que implica uma questão de experimentação com a vida.

Mas jamais sabemos de antemão qual é nossa potência, de que afectos somos capazes. É sempre uma questão de experimentação. Não sabemos ainda o que pode o corpo, diz Espinosa, só o descobriremos ao longo da existência. Ao sabor dos encontros. Só através dos encontros aprendemos a selecionar o que convém com o nosso corpo, o que não convém, o que com ele se compõe, o que tende a decompô-lo, o que aumenta sua força de existir, o que a diminui, o que aumenta sua potência de agir, o que a diminui. Um

bom encontro é aquele pelo qual meu corpo se compõe com aquilo que lhe convém, um encontro pelo qual aumenta sua força de existir, sua potência de agir, sua alegria. (PELBART, 2008, p. 01-02).

Este corpo aprendente em meio a aprendizes, que traz suas singularidades; marcas como que tatuagens escritas e desenhadas, mas únicas enquanto pertencente a ele. O conceito de *encontro* tem a ver com meu projeto e sua investigação, por que o coloca diante de oportunidade de oferecer experiência, buscando evocar, perscrutar, vasculhar, remexer em registros pessoais. E, ao trabalhar nesta pesquisa, aproximações vão acontecendo nestes meus percursos como educadora, o que impulsiona a trazer para este momento os acontecimentos que a despertaram/ aproximaram da arte contemporânea/ conceitual, e denotam, ou até mesmo desvelam, os deslocamentos e estranhamentos que serviram de disparadores e que a colocaram em *atitude estética* (Pereira, 2011) perante outras formas de aprendizagem e o fazer pedagógico:

A atitude estética, então, diz respeito à abertura que o sujeito tem ante o mundo. E essa atitude não se caracteriza *nem* por uma posição passiva *nem* ativa, diante do objeto ou acontecimento, mas a uma *disponibilidade* que o sujeito tem. Não se trata *nem* de procurar submeter o objeto ou o acontecimento a um certo esquema explicativo que poderia produzir um conceito, um juízo, uma definição ou uma idéia *nem* submeter-se a uma suposta essência ou fundamento que estivesse contida no objeto ou no acontecimento. Somos seres *de encontro*. (PEREIRA, 2011, p. 114).

Levando em conta sermos estes seres *de encontro*; esta dissertação tem questões que envolvem a discussão entre espaços de interação com arte/ filosofia e espaço pedagógico, as quais colocamos em curso pelos capítulos que seguirem.

Cada encontro com os autores e suas escritas provocantes de bruscas desacomodações reflexivas e impulsionantes, ao mesmo tempo em que se desarranjavam desordenadamente na sequência dos movimentos, desfazem-se em suas supostas constituições e percursos. Referem-se aqui a Deleuze e Guatarri em *Mil Platôs* quando dizem:

As árvores têm linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência. Como não seria necessário um enorme ciclotron para produzir partículas enlouquecidas? Como é que linhas de desterritorialização seriam assinaláveis fora de circuitos de

territorialidade? Como supor que o fluir abrupto do minúsculo riacho de uma intensidade nova se faça fora das grandes extensões e em relação com grandes transformações nestas extensões? Quanto esforço para fazer eclodir um novo som? O devir-animal, o devir-molecular, o devir-inumano passam por uma extensão molar, uma hiper-concentração humana, ou as prepara. (DELEUZE; GUATTARI, 1995. p. 62).

Estes autores constroem um pensar sobre a vida e suas implicações, e neste momento a pesquisadora aprendente aproxima-se a um devir educador que está em movimento no que foi oferecido no saguão do *campus* Pelotas, bem como tudo o que foi envolvido até o momento do evento e pós-evento. Percebe-se latente, nos registros das falas, das expressões, das escritas e desenhos lançados naquelas garrafas, potências e intensidades que confirmam uma permanência insistente neste desejo oferente de novas possibilidades de encontros aprendentes. A pesquisadora percebe-se tomada por turbilhões que a jogam/ lançam aos novos encontros por este aprender como aprendente, e se coloca em instantes em uma criancice que, como diz Larrosa em Nietzsche:

A criança não é antiga nem moderna, não está nem antes nem depois, mas agora, absolutamente atual, porém fora da atualidade, como tirando a atualidade de seus escaninhos e separado-a de si mesma, absolutamente presente de si mesmo. A criança suprime o histórico pela aliança do presente com o eterno. Seu tempo não é linear, nem evolutivo, nem genético, nem dialético, mas está cheio de clarões, de intermitências. A criança é um presente fora do presente, isto é, um presente inatural, intempestivo. (LARROSA, 2009, p. 102/103).

Então é neste “presente inatural” e “intempestivo”, que um devir vida se faz, não mais um “ou”, mas um “e...e...e...e...” que nos encontros pela educação e pelo aprender se dá na vida da pesquisadora enquanto escreve. Já percebe-se outras! Está em permanentes encontros, outros encontros que se atualizam quando volta a cartografar revendo o caminho percorrido até então, e que “não é lembrar-se, mas aprender; porque a memória só vale como uma faculdade capaz de interpretar certos signos e o tempo só vale como matéria ou o tipo dessa ou aquela verdade.” (Deleuze, 2006. p. 85).

CAPITULO III - Instalação Artística: invólucros silícicos mensageiros propositores de encontros

Nada mau que nesse dia de juventude fôssemos piloto de um navio para verificar, ainda contra Descartes, que um piloto diz eu por sua nau inteira, do fundo da quilha à ponta do mastro e da popa à proa, e a alma de seu corpo entra na alma do barco, no centro das turbinas, no coração das obras-vivas. Para se libertar desse barco é preciso ir procurar sua alma no paiol, no lugar onde o fogo é verdadeiramente perigoso, num dia de desespero. (SERRES, 2001, p. 14 - 15).

Neste último capítulo deixo de contar a experiência de uma pesquisadora, como uma terceira pessoa que vive a minha frente, para devolver a meu corpo o que aconteceu, trazendo a mim o que ocorreu como efeito em meu corpo. Quero agora dizer de minhas misturas. Autorizo-me neste momento da escrita a trazer meu “eu”, mas tendo o cuidado para que ele não assuma papel de sujeito fixo, identitário, pertencente, na ideia de que “já somos vários” (Deleuze; Guatarri 1992), autores amigos, orientador, colaboradores, aprendizes com aprendentes, tantos e tantos que vão chegando:

Como cada um de nós era vários, já era muita gente. [...] Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p.10).

Misturo-me com o que está acontecendo em minha trajetória de vida, de pesquisadora, de professora e de artista. Nestes acontecimentos, tudo importa, as obras- vivas que estão lá embaixo, no casco. Importa o dentro e o fora. Importa dedicar o precioso tempo. Dar a vida pela nau toda. Estar nos *entres* é o que preciso neste momento. Aprendizagem e aprendentes. Uma aprendizagem que se dá nos encontros.

1 Primeiros lançamentos... ora por água, ora por terra...

Fazer a experiência de lançar pela primeira vez, num espaço portuário, ou seja, por água, uma mensagem dentro de um invólucro silícico mensageiro se deu em uma tarde de domingo, em Pelotas, 13 de Março de 2016. Tudo preparado. Mensagens contendo escritas sobre o projeto de pesquisa e um endereço eletrônico criado especialmente para possibilitar algum retorno, caso fosse encontrada.

João Maximiliano, meu esposo e parceiro, estava preparado, assim como eu e a nossa pequenina mascote (uma cadelinha adotada em 2015) para este lançamento, em um local portuário em Pelotas/ RS, conhecido como “O Quadrado” . Máquina fotográfica/ filmadora nas mãos, nos posicionamos em uma das muretas do atracadouro onde são amarradas as embarcações (Figura 27), e assim realizamos o lançamento.



Figura 27 - "O Quadrado" Pelotas/ RS. Fonte: Internet.

Aprender pelo sensível neste momento ganhou um tempo e um espaço que foi de profundo deleite e concentração. Havia uma necessidade de se fazer a experiência e de transitar colocando os sentidos em outro movimento, não só no imaginário, mas na provocação de perceber e lidar com outros espaços e possibilidades pedagógicas. Emocionados, ali no canal, por um longo tempo, fomos apreciando o curso e os movimentos da mensagem em seu invólucro. Perguntava-me sobre o futuro como um tempo de encontro. A garrafa seria encontrada? O que causaria? Quais impressões? Algum pescador a encontraria? Alguém que presenciou o lançamento ali por perto a buscaria para ver seu conteúdo? Se acomodaria ou camuflaria no aglomerado verde dos aguapés que boiavam ali por perto e que também seguiam o fluxo da corrente?

Por ali se encontravam muitas pessoas pescando, casais namorando e famílias conversando aproveitando aquela bela tarde que, para mim pesquisadora, transformara-se em um espaço pedagógico potencializador de muitos encontros. Assim um tanto extasiados e como que embriagados “na’ e “da” experiência incrível, e ao mesmo tempo crível, pois tornara-se real, retornamos a nossa morada em Camaquã/RS.

Nesta sequência de “frames” vemos o deslocamento da garrafa lançada na ocasião desta experiência (Figuras 28 à 33).



Figura 28 - Preparando o primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.



Figura 29 - Preparando o primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.



Figura 30 - Primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.



Figura 31 - Primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.



Figura 32 - Primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.



Figura 33 - Primeiro lançamento por água do invólucro silícico mensageiro em 13 de Março de 2016. Arquivo da autora.

2 Proposição: mensagens dos colaboradores... primeiros lançamentos por terra...

Chamei-os de colaboradores, pois foram grandes motivadores neste processo, os primeiros lançadores de mensagens em garrafas por terra; participações que antecederam a intervenção artística. Foram eles que se colocaram na experiência diante do convite e recebimento da garrafa arrolhada contendo o pergaminho em branco. Cada aceite colaborava para a pesquisa, com escritas e outras expressões artísticas e literárias, compondo uma parte muito importante para a investigação. Assim os colaboradores foram amigos pertencentes a variadas instituições que compartilharam poemas, gravuras, fotos, escritas, fitas de tecido com fragmentos literários, desenhos e outros. Na entrega dos invólucros (a estes convidados), principalmente aos que consegui entregar em mãos (o invólucro silícico transparente com um pergaminho em branco, enrolado e amarrado com barbante), percebi destes, expressões interessantes, mesmo já tendo feito o convite anteriormente por e-mail e telefone. Trataram com muito carinho, afeto e cuidado ao que lhes estava sendo confiado, tanto no recebimento quanto ao entregarem os invólucros com suas mensagens antes da exposição, e alguns não só com as mensagens como também com a própria presença durante a exposição.

Também propuseram-se e misturaram-se junto com a pesquisadora na experiência, alunos da disciplina Experiências Estéticas do Bacharelado em Design (Atividade Orientada à Docência no Ensino Superior) e colegas do mestrado e professores de forma bem presente.

Na véspera da exposição enquanto lia as suas mensagens, também registrava com a máquina fotográfica. As fibras dos papéis estavam acondicionadas e acostumadas com a forma cilíndrica, bem próprio dos pergaminhos. Era importante registrá-las antes da exposição, pois no percurso até o local da montagem da instalação muito poderia ocorrer, bem como durante a própria instalação. Poderíamos perder algum movimento importante, mesmo nos posicionando de uma forma mais rizomática, ou seja, nos colocando neste lugar onde o que mais importa não são as entradas e saídas - estas precisam estar abertas - mas sim o que acontece durante o trajeto que vai envolvendo o que nos propomos a oferecer e mapear.

Eu precisava daquelas contribuições, pensava naqueles lançamentos. Eu desejava, e me parece que eles também, meus primeiros lançadores de mensagens por terra, fazerem parte do curso das águas, ou ainda, colocar-nos com as escritas, os invólucros (garrafas) e tudo mais, naquela experiência (Figuras 34 a 46).

No encontro com os “Saches filosóficos”, fragmentos que compõem os “Ensaio cicládicos”, cujo pergaminho (rolinhos de papel) não conseguia sair do invólucro silícico mensageiro. Diante de tanta dificuldade e insistência, no que se apresentava tão difícil e bloqueado, era-nos exigido pensar e estudar sobre a gramatura daquele papel e a própria composição (fibras longas e curtas), para que se evitasse rasgar quando na tentativa de retirá-lo do invólucro. Será que era preferível estilhaçar o invólucro? Pensávamos! Mas foi por mãos hábeis pela intimidade e proximidade de conhecer o papel que a mensagem pode ser registrada, neste encontro aprendemos.

3 A seguir os registros fotográficos dos primeiros lançadores de mensagens ...

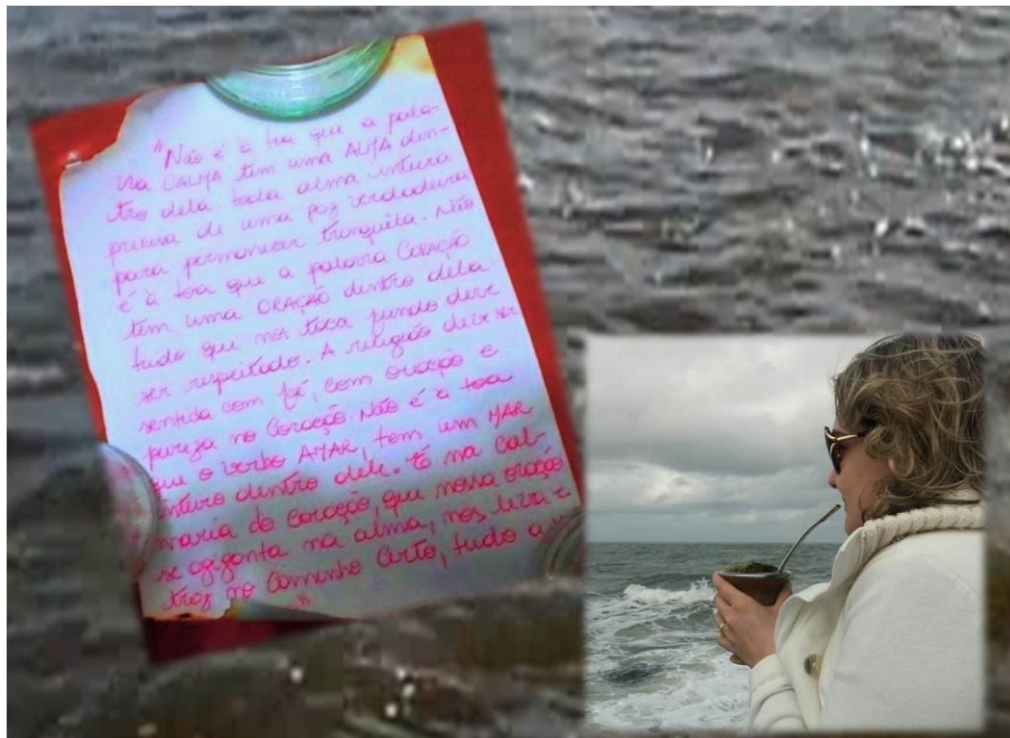


Figura 34 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.

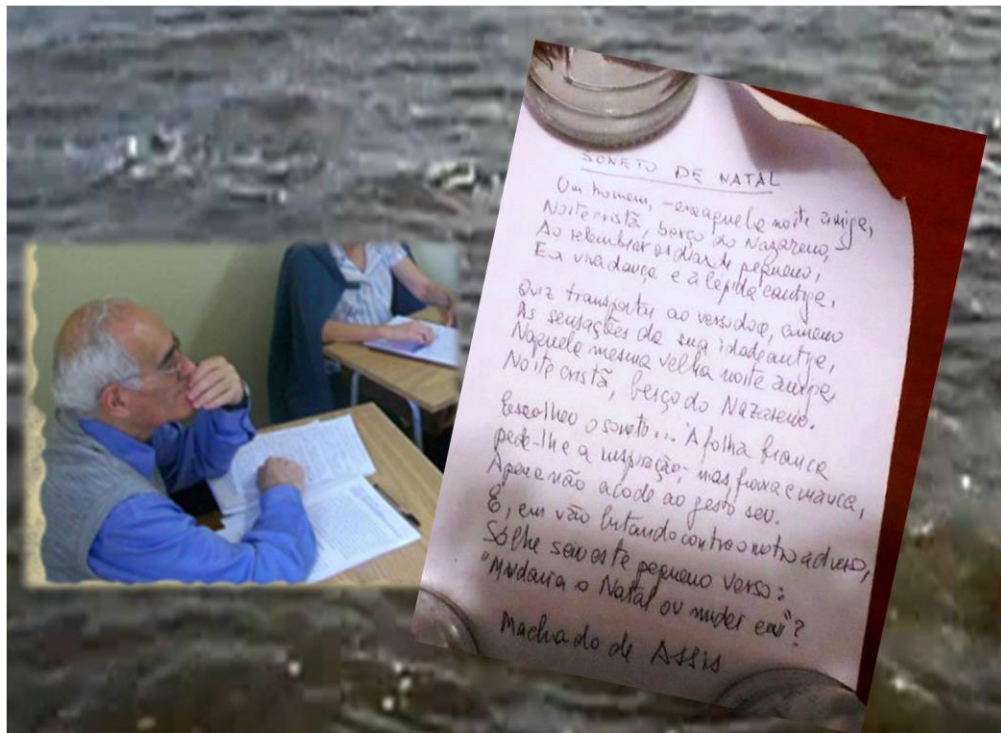


Figura 35 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.



Figura 36 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.



Figura 37 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.

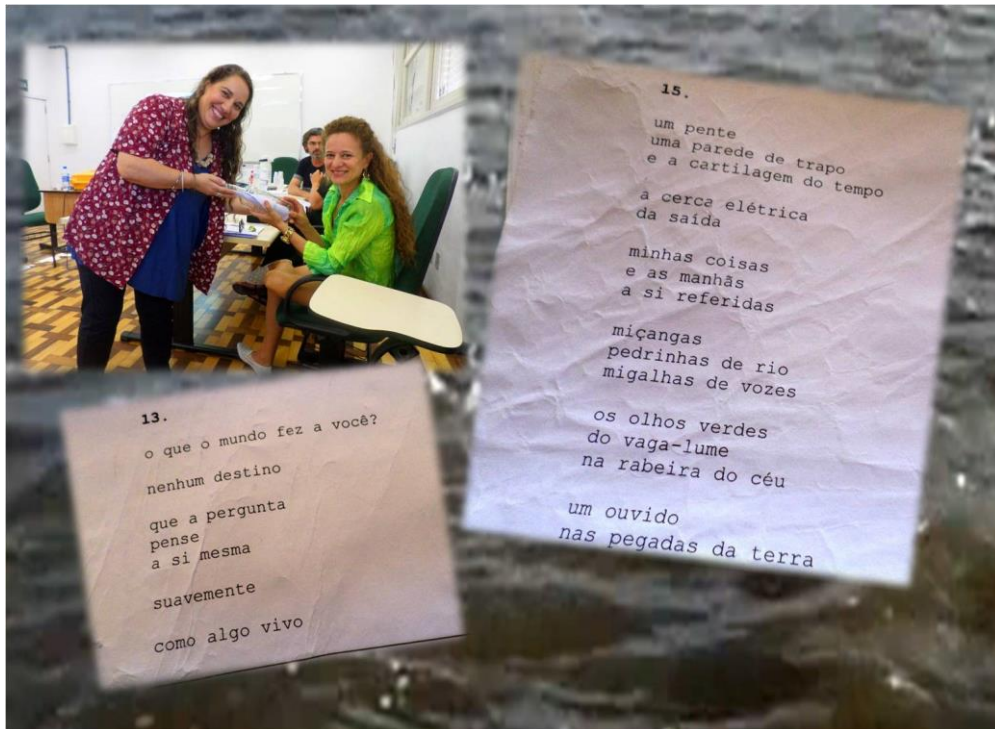


Figura 38 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.



Figura 39 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.

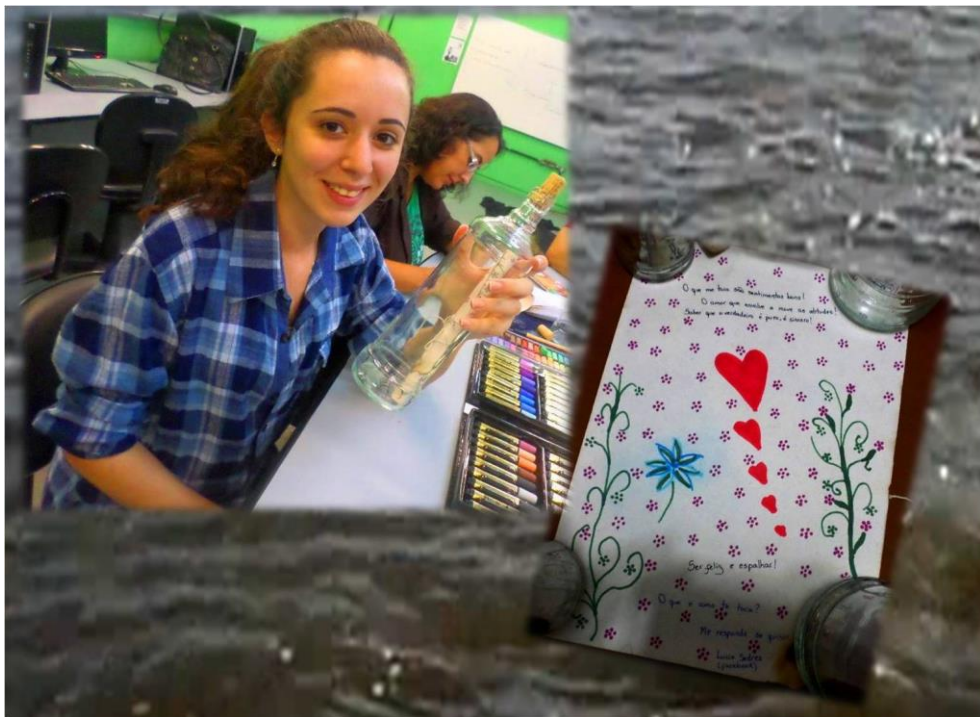


Figura 40 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.

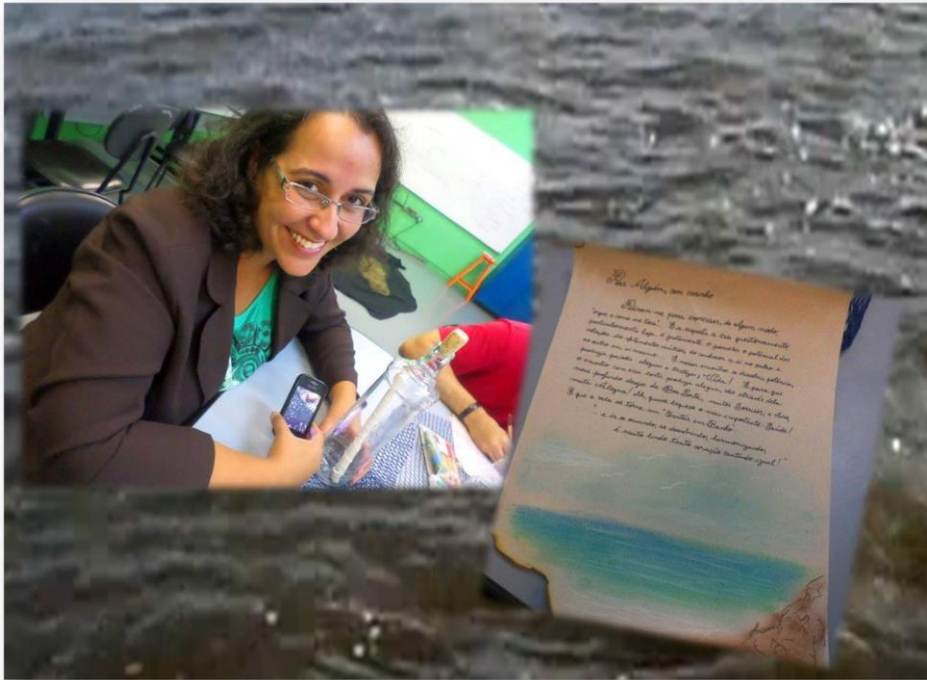


Figura 41 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.



Figura 42 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.

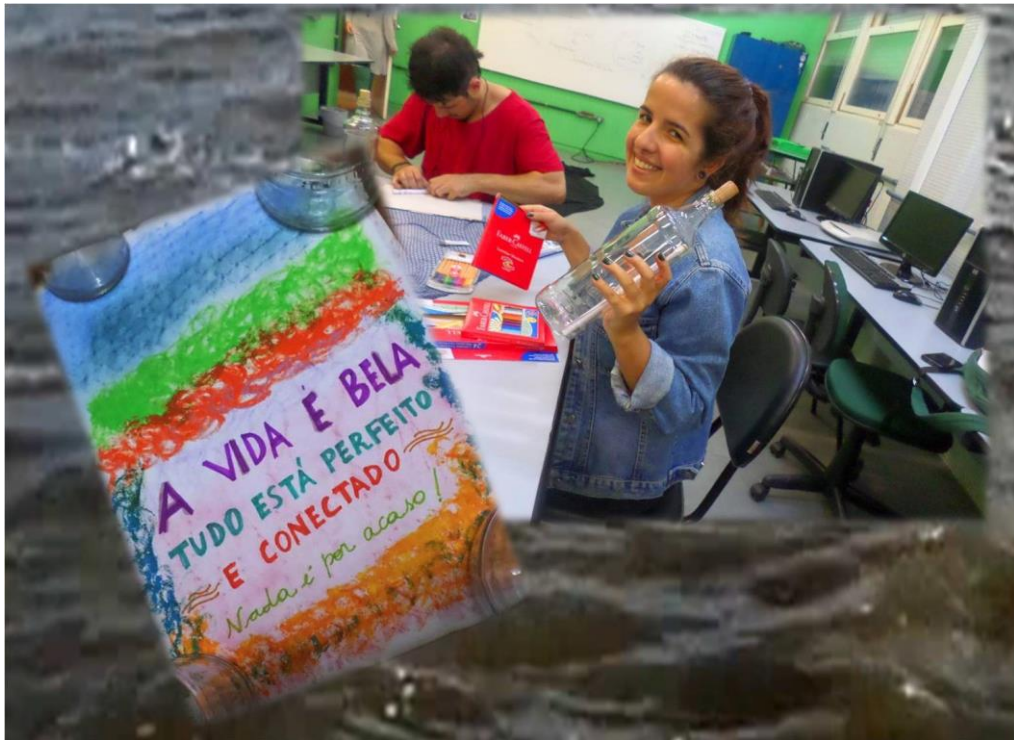


Figura 43 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.



Figura 44 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.



Figura 45 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.



Figura 46 - Primeiros lançadores de mensagens. Arquivo da autora.

4 Véspera da exposição... espalhando pistas/ convites pelo IFSUL *campus* Pelotas...

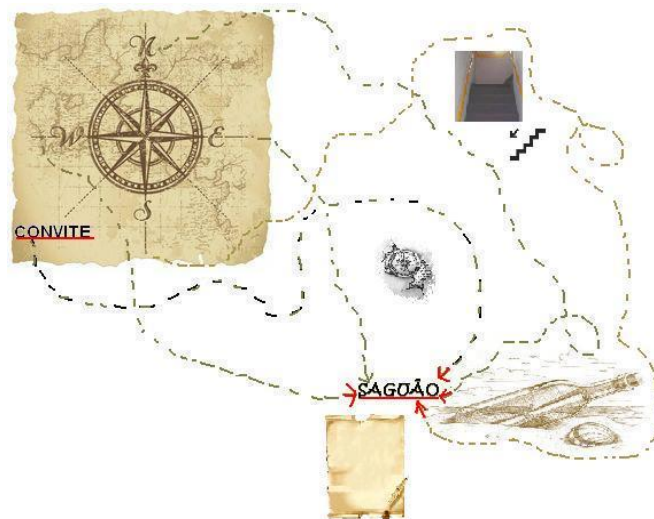


Figura 47 - Pergaminho contendo pistas para o encontro com a instalação artística no saguão do IFSUL *campus* Pelotas- RS.

Neste momento da experiência, contei com um amigo e aluno do curso de Design para mais um lançamento por terra, pelos corredores e escadas de acesso as salas de aulas e segmentos da instituição. Tínhamos a sensação de um trabalho secreto, pois não podíamos ser notados. A surpresa do encontro com estas pistas pelas pessoas que transitavam pelo *campus* Pelotas significava muito neste momento. Desta forma executamos esta tarefa cansados fisicamente mas potencializados na alegria de promover muitos encontros! (Figuras 47 à 50).



Figura 48 - Pergaminho/ convite - Arquivo da autora.



Figura 49 - Registrando convites/ pistas que foram espalhados em garrafas pelo IFSUL na véspera da exposição. Arquivo da autora.



Figura 50 - Registrando convites/ pistas que foram espalhados em garrafas pelo IFSUL na véspera da exposição. Arquivo da autora.

5 Dia da instalação... 09 de Junho de 2016...

Então, estávamos no local, nossa pretensão era usar o turno da manhã para a montagem, abrindo ao público pela parte da tarde. Nesta ocasião algumas mensagens ainda foram entregues para contribuir e compor o espaço que estaria sendo montado logo a seguir (Figura 51).

A companhia de alguns amigos me permitiu ver que o aprender nos coloca em constante atenção. Tê-los a disposição para uma ajuda, como no caso transportar garrafas e outros objetos da instalação em seu próprio carro, talvez dê abertura a muitas formas de pensar nas relações que vamos tramando na vida. Podemos chamá-los de encontros potentes convenientes aos corpos! (LARROSA, 2009). Os queridos alunos da disciplina de Experiência Estética os quais, no interesse e aceite em participar da instalação, foram chegando ao local e assumindo muito mais do que haviam se proposto. Houver momentos que ao percebê-los tão absorptos em tudo, turbilhonados nos meus turbilhões e no que estava se passando,

parecia um sonho, mas era real!!! Muito real! O sonho individual que se tornou coletivo! Estávamos todos lá !!!



Figura 51 - Montagem da instalação no saguão do IFSUL *campus* Pelotas com auxílio no transporte de Cecília Boanova e família. Arquivo da autora.

Enquanto um colaborador deixava o local, outros vinham ao encontro e colocavam-se a disposição para monitorar, acompanhavam e registravam a montagem do espaço. A areia que usamos neste cenário havia sido solicitada formalmente (por ofício), como empréstimo para o evento, e estava nas dependências do curso de Edificações dentro do IFSUL *campus* Pelotas. Desta forma me encaminhei para buscá-la, estava disposta a transportá-la da forma que eu mesma conseguisse carregar, ou seja, braçalmente falando. Mas ao chegar lá, me apresentaram a um jovem estagiário responsável pela liberação da areia, inclusive o transporte até o local da montagem (Figuras 52 e 53). Foram muitos carrinhos de mão transportados pelo jovem que não poupou sorrisos e entusiasmo em colaborar com o evento.



**Figura 52 - Montagem da instalação no saguão do IFSUL *campus* Pelotas.
Arquivo da autora.**



**Figura 53 - Montagem da instalação no saguão do IFSUL *campus* Pelotas com o auxílio do estudante estagiário do curso de Edificações no transporte da areia até o local da exposição.
Arquivo da autora.**

Agora me via em terra firme, mas em zona marítima. As mensagens estavam em invólucros enterrados na areia. Sílica com Sílica. Chegavam até ali pegando-nos de surpresa muitos passantes, já perguntando o que estava acontecendo, o que seria montado ali, principalmente enquanto a monitora, juntamente com o jovem estagiário do curso de Edificações e eu, chegávamos com a areia no saguão (sete carrinhos de mão cheios) e enquanto montávamos o espaço, nos visitaram dois servidores vestidos com seus uniformes verde/ laranja/ amarelo e perguntavam sobre o que seria montado, de início pensei: estarão preocupados com o quanto vão ter que limpar depois? Mas logo a seguir e ao falarmos da proposta demonstraram muito interesse e atenção prometendo retornarem para uma participação.

E lá estávamos nós. De repente minha dedicada aluna hábil com papeis e suas gramaturas também se encontrava no local para completar a escala de monitores da manhã, quando me percebi tomada de um “turbilhão”, me senti como se fosse arremessada e misturada dentro da própria instalação. O local estava cheio! A primeira programação havia sido antecipada.

Muitos alunos, professores, funcionários já haviam passado por ali e, posteriormente, convidado outros a participarem. Agora éramos muitos! Pareciam cheios de curiosidade. Alguns passavam por mim sem saberem quem era o propositor daquele espaço e perguntavam: o que faço para participar? Desejavam evidentemente entrarem no espaço sem a noção que já estavam dentro daquele “laboratório do sensível”.

A manhã ia passando, e fomos percebendo que já estávamos com poucas garrafas vazias para oferecer. Os invólucros silícico mensageiros vazios, estavam sendo velozmente ocupados por mensagens, e antes do previsto e ainda durante a manhã, precisei buscar mais invólucros na casa de minha infância, onde se encontravam muitos ainda reservados para este momento. Não conseguimos fechar o local para o almoço. Revezamo-nos para um breve lanche. A participação continuou em curso do início até o final da tarde. Percebíamos que, os que haviam feito primeiramente a experiência em outros momentos daquele dia, haviam contado aos colegas despertando neles o desejo de experimentarem também (Figuras 54 à 61).

Perguntei-me neste momento o que acontecia comigo, qual encontro, qual aprendizagem. E quanto a eles?



Figura 54 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL *campus* Pelotas. Arquivo da autora.



Figura 55 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL *campus* Pelotas. Arquivo da autora.



Figura 56 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL *campus* Pelotas. Arquivo da autora.



Figura 57 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL *campus* Pelotas. Arquivo da autora.



Figura 58 - Participantes na parte da manhã com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL *campus* Pelotas. Arquivo da autora.



Figura 59 - Participantes na parte da tarde com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL *campus* Pelotas. Arquivo da autora.



Figura 60 - Participantes na parte da tarde com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL *campus* Pelotas. Arquivo da autora.



Figura 61 - Participantes na parte da tarde com a Instalação artística montada no saguão do IFSUL *campus* Pelotas. Arquivo da autora.

No início da tarde, já tínhamos o vídeo editado o qual ficou sendo projetado constantemente no painel que antes estava com a projeção do convite que havíamos distribuído em vários locais de circulação no instituto na noite anterior (Figura 62).



Figura 62 - Vídeo com movimentos de mar com som de garrafas de vidro incorporados. Editor responsável: Liader Soares. Projeção mantida a partir da tarde durante a exposição. Arquivo da autora.

A partir deste momento, o que temos são várias mensagens em formato pergaminho dentro de um só invólucro. As mensagens começaram a misturar-se.

Tanto os grupos que chegavam quanto as mensagens estavam no coletivo literalmente. Eram muitas mensagens misturando-se com outras mensagens dentro dos mesmos invólucros silícico mensageiros.

No início da tarde mais uma colaboradora se aproximou, a amiga e colega de mestrado Jussara Senna, contribuindo incansavelmente com filmagens, abordagens e capturas fotográficas.

Fomos nos envolvendo cada vez mais entre os grupos que e formavam e interagiam no espaço. Ao chegar a noite logo após o intervalo recolhemos todos os invólucros protegendo-os com embalagens de papel Kraft acondicionando-os em caixas de madeira. Apenas deixamos no local do saguão a areia para ser recolhida pelo curso de Edificações.

Os caixotes de madeira cheios, foram levados para um lugar seguro, na casa dos fundos da casa de minha infância, aguardando o momento de novos encontros.

6 Pós- exposição... Através da vigia...

Parece que é preciso ainda mais cuidado para os percursos que desejo navegar por agora. Buscando em muitos autores amigos, e em suas rotas experimentais, as quais vão marcando presença no decorrer desta escrita. Serres com suas narrativas intensas de experiências marítimas me impulsiona apontando algumas pistas.

[...] devíamos ficar lá bastante tempo, deitados sob a fumaça acre, o nariz no chão, imóveis para não sacudir a nuvem espessa que pesava sobre nós. Era preciso sair lentamente à chamada do nome, pausadamente, para não sufocar o vizinho com um gesto brusco que faria baixar o nível das espirais de fumo. O espaço respirável é uma exígua camada ao rés-do-chão, estável por um bom tempo. (SERRES, 2001, p. 11).

Como se olhasse por uma vigia, cada mensagem ofertada naquele dia em que a instalação tomou corpo ocupando o espaço do hall de entrada do *campus*, cada rolo de papel guardado por um invólucro, cada caixote de madeira, passou a oferecer um chamado! Estas mensagens me chamavam mas, por alguma razão, sentia-me impedida de chegar rapidamente a elas. O kronos, como que me queimando os pés, expulsava-me ferozmente da tentativa de respirar além da manta de fumaça que estava sobre mim neste tempo de escrita de dissertação. O tempo pressionava-me com seus prazos, com as entregas, com os formulários necessários da vida acadêmica. Mas queria chegar logo à vigia, sabia que era preciso cuidado e um bom preparo. Estudo. Treinamento. Experiência. Estudo. Treinamento. Experiência. Abrir os rolos de papel, saber de seu teor, das mensagens deixadas por pessoas não pode ser de qualquer jeito. É preciso até mesmo treinamento. Para conseguir ultrapassar a vigia.

Acompanho-me tantas vezes da obra itinerante de Bruno Catalano (Figura 77), esculturas da série Viajantes. Elas trazem corpos incompletos mas que, ao se integrarem aos cenários, sejam estes paisagens ou outros espaços normalmente ao ar livre, passam a fazer parte compondo os vazios faltantes. Esta série me ajuda a pensar em minhas misturas, em minhas leituras, em como vou me compondo com os cenários, com as imagens que se produzem.



Figura 63 - Série “Os viajantes” - Bruno Catalano. Fonte: internet.

Assim, quando me dei conta estava lá em pé, tentando abrir a vigia. Era por demais importante para mim. Mesmo sem poder estar toda lá, do outro lado, onde os invólucros silíco mensageiros estavam acondicionados e guardados com todos os cuidados possíveis, dentro daqueles caixotes de madeira. Através da pequena vidraça redonda olhava, visualizando como mapear as suas expressões. Estou diante do inesperado, insisto em abrir o que seria a vigia de Serres, uma janelinha redonda emperrada pelo pouco uso. Não conseguindo abri-la, na pura emoção passo as mãos e punhos na vidraça embaçada. Louca para ler o que estava escrito nos invólucros me pergunto: os visitantes escreveram sobre o que? Será que leram as mensagens das garrafas ofertadas? O que os tocou ou os atravessou? Estas perguntas me chegam porque eu já havia desenvolvido as garrafas ofertadas pelos primeiros cartógrafos lançadores, e aberto suas mensagens. É preciso dizer que lançaram com muita força de navegação.

[...] Então a vigia, só resta a pequena vigia. Levantar-me sem respirar, tentar abrir os ferrolhos enferrujados que a interditam. Resistem, foram pouco usados, uma ou duas vezes, com certeza, desde o lançamento do casco. Não cedem. Deitar de novo para recobrar o fôlego, rente ao chão. O tempo torna-se mais ameaçador como se a onda recuasse. Levantar outra vez, em estado de apneia, e tentar outra vez soltar os ferrolhos que parecem ceder lentamente. Três, quatro vezes, não lembro mais, volto outras tantas ao chão, maxilares crispados, músculos paralisados, insisto, insisto, insisto, a janela fechada. Bruscamente se abre. (SERRES 2001, p. 12).

Na semana seguinte da exposição, só deu tempo de separar nos caixotes as mensagens dos primeiros colaboradores, que deram a abertura à instalação: turmas do design, professores e amigos. Separei estas com marcas, números em romano de I a XXIII (Figura 64).



Figura 64 - Encontros pós instalação. Arquivo da autora.

Depois de separar a primeira parte colaborativa, me dou conta que preciso voltar para casa. Para poder ir embora recolho as mensagens e penso: viajam comigo! Passa-se o tempo e eu dentro dele e do desenho amarelo e preto entre listas e contornos destruídos pelas chamas. Corro agora para viajar e levar o que considero preciosidades produzidas naquele dia, naquele espaço de produção do sensível. Juntei tudo o que havia de mensagens daquela caixa e seus invólucros e pus em um envelope. Então decidi andar com elas (as mensagens). Vai comigo até o cheiro daquele espaço (a casa dos fundos da minha infância).

Já distante 129km de Satolep²¹ vejo-me como uma egiptóloga (Deleuze, 2006) com os fragmentos nas mãos, me dando conta que ultrapassei a pequena abertura da vigia (ao menos neste primeiro caixote).

²¹ Satolep é a Pelotas mítica criada por Ramil, em que os tempos históricos se sobrepõem e assistimos a um inusitado encontro de personagens de épocas diversas. É ainda quase fantasmagórica, com sua permanente névoa e o frio que acompanha - mais do que importuna - quem ali vive. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag64ramil.htm>. Acesso em 27 de Outubro de 2016.

7 Encontro pós instalação... Segunda-feira, dia 04 de julho de 2016... Abrindo garrafas extras: lendo, ouvindo e cartografando as filmagens e depoimentos...

Depois de tanto espreitar pela vigia de longe, desejava estar um pouco ou bem mais preparada para este momento. Estavam lá do outro lado, nas três caixas de madeira, os invólucros mensageiros com suas mensagens a espera de que mãos (tato), olhos (visão), narinas(olfato), boca com suas papilas gustativas e glândulas salivares, também se colocassem debruçados sobre o que ali estava.

Ao chegar na casa vazia paterna onde vivi minha infância, larguei minha mochila no sofá, e minha vontade era de seguir direto até os fundos, porque lá estava o que antes se encontrava tão longe, mas que naquele momento estava muito próximo o precioso encontro. Tirei o casaco e fui passando a mão nos meus diários de bordo, máquina fotográfica e material escrevente. Pegando as chaves fui abrindo as portas, dei um olá ao nosso velho cão guardião Sax, que já sem parte da visão, ao me perceber, me farejou e me seguiu como um bom anfitrião até a entrada da porta tão desejada. Ao abrir a porta me deparei com um cheiro de lugar fechado, mas limpo. Os janelões com basculante mantinha tudo muito claro, mas o lugar estava bastante frio. Preparo-me e decido retirar todos os invólucros de papel Kraft que usara como proteção durante os trajetos e deslocamentos e separá-las cuidadosamente pelas numerações: separei primeiro as que levei por último, não estavam numeradas, mas então sabia que foram os últimos participantes entre o turno da tarde e noite que interagiram. Grafite e efeitos de sombra e luz, também de charges e cartuns (histórias em quadrinhos e tirinhas), ao abrir o 1ª invólucro silício mensageiro e encontrar o velho Simpson desenhado amplamente ao longo da folha de caderno com linhas, e pontas queimadas como base/ suporte. Como ferramenta a escolha foi lápis de cor amarelo e preto. Este desenho vem acompanhado de um balãozinho de diálogo com a seguinte escrita: “vc acabou de perder seu tempo” (Figura 65). De repente me coloca em um lugar, neste primeiro instante, que parece não se tratar de um naufrago que não quer ser resgatado, ou o simples fato de não se perceber perdido, um detalhe - sua mensagem estava com mais duas dentro do mesmo invólucro – me chamou a atenção a expressão “tempo”; “perder tempo”. E

reflito, o mensageiro/ mensageira ao se perceber único (a) diante da folha, pensando e se percebendo participante do cenário... quem sabe se perguntando: que louco (louca) gastaria desta forma seu tempo para montar um espaço como este? Ou, quanto trabalho para montar isto!!!

Em tudo que mexeu e ainda mexe comigo nesta mensagem, principalmente quando toca no ponto do tempo perdido, me desloca até a Recherche que Deleuze reflete em Proust e os Signos, sobre a “busca do tempo perdido”, mas que não trata “nem de memória nem de tempo, mas signo e verdade” (Deleuze, 2006).

“vc acabou de perder seu tempo”...

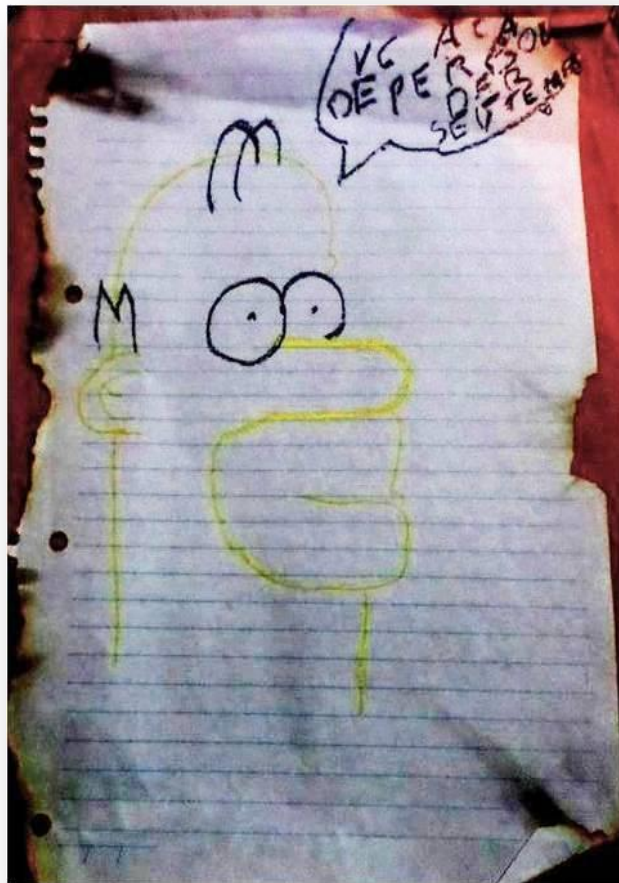


Figura 65 - Desenho – “vc acabou de perder seu tempo”. Arquivo da autora.

Uma das primeiras mensagens que abro, me transporta a uma realidade que diz respeito a minha vida. Ao tempo que tenho dado a mim mesma para aprender e estar em meio a aprendentes. E Deleuze de uma forma prousteana diz:

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente “bom em latim”, que signos (amorosos ou até mesmo inconfessáveis) lhe serviriam de aprendizado? Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. O signo implica em si a heterogeneidade como relação. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende. (DELEUZE, 2010, p. 21).

Então, depois de ter esperado tanto tempo para estar com o que foi produzido no dia da instalação artística, uma mensagem, de início, me tomou em turbilhão, e parece que abarcou tudo o que se passou pelos três turnos daquela quinta-feira de 09 de Junho, e de uma forma que se conectou em muitas entradas e saídas.

Então me vi aprendendo na leitura destas linhas em preto e amarelo, enviadas sem saber quem as interpretaria. E estou eu pensando nesta arte que é capaz de promover um aprender... me percebo aprendendo! Aprendo com este desenho! O tempo dispensado e programado desapareceu, tornou-se um instante ao estarmos de fato envolvidos na proposta, ou seja, dentro dela.

Então percebi que não preciso comprar o pacote todo de uma vez só. Dei-me ao luxo de me deixar envolver detalhadamente no que algum dos meus sentidos gritava!

7.1 Jardel... (num primeiro momento o chamei de “boné pensante”)..

Jardel foi um participante/ aprendiz (num primeiro momento o chamei de “boné pensante”), foi o instante em que voltei a ser tocada! Esta intervenção tocou não só a mim, a Rê²² misturou-se neste momento no que acontecia. Mas porque nos tocou? No dia da exposição na parte da manhã, num momento em que muitos apenas passavam olhando o local da montagem, outros paravam para olhar enquanto íamos abordando os que paravam, tínhamos nos preparado com algumas questões apenas como apoio de abordagem, mas não como questionário quando

²² Renata Pereira, aluna da disciplina Experiência Estética do Bacharelado em Design.

percebemos a presença do “boné pensante” já com uma garrafa na mão mas com muita propriedade, como quem precisasse dar uma resposta ao que experimentava. Eu o ouvia e desejava filmar... registrar aquela fala e expressões...

Neste momento a nossa Rê chegando ao local, começa a preparar-se para colocar-se na experiência colaborando com os possíveis registros (fotográficos, filmagens, outros). Durante a fala de Jardel (revelo seu nome porque fez questão de assinar sua escrita) a Carla estudante, que também vive sedenta por estar nos meios aprendentes, o interpreta e o entende. Colocou-se também naquelas falas!

7.2 Misturando-nos com as falas e as escritas!!!

Dizia o aprendente: “nesta garrafa tá um pedaço da minha história [...] tá tudo nesta garrafa, quem encontrar conhece a minha história [...] faz apenas dez anos que eu tento começar a minha faculdade, faz apenas isto!!! [...] eu tenho uma vida inteira para viver, e uma vida inteira para aprender!” (Figuras 66 à 69).



Figura 66 - Escrita de Jardel – Instalação Artística. Arquivo da autora.



Figura 67 - Escrita de Jardel – Instalação Artística. Arquivo da autora.

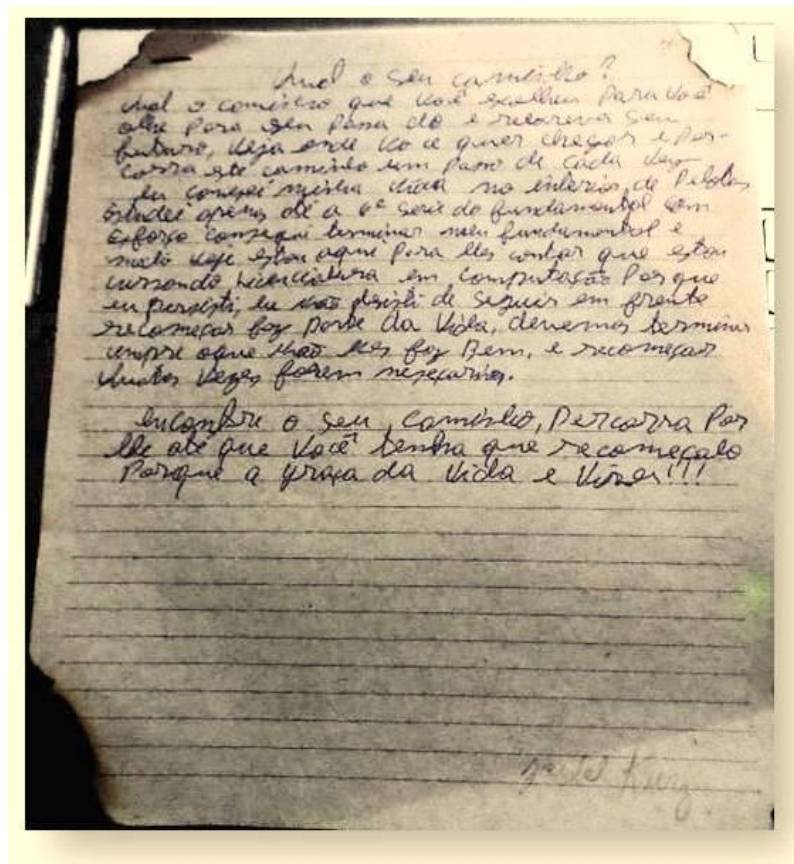


Figura 68 - Escrita de Jardel – Instalação Artística. Arquivo da autora.

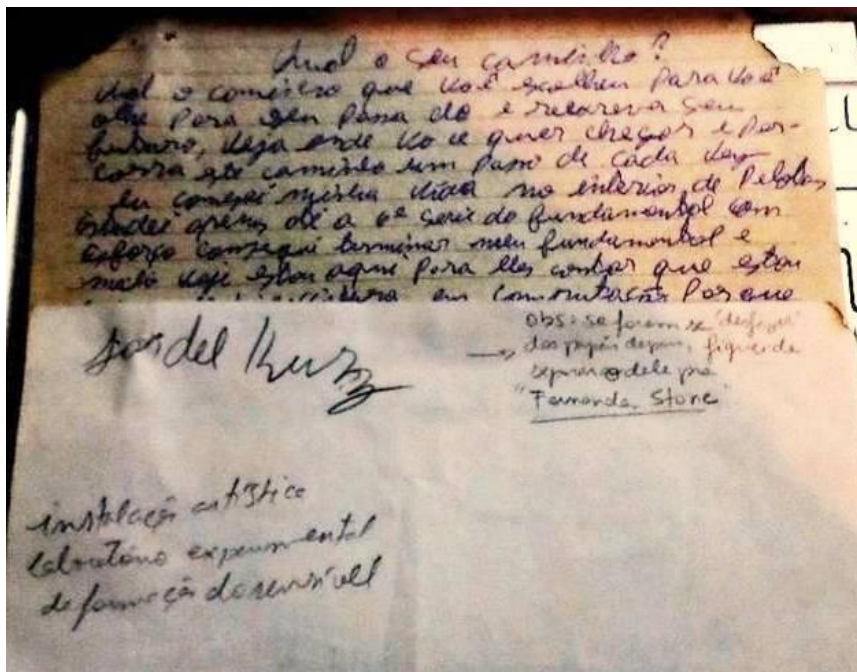


Figura 69 - Escrita de Jardel – Instalação Artística com um pedido . Arquivo da autora.

7.3 O jovem leitor atento...

Este jovem ao se aproximar do espaço, diz que parece muito estranho porque trata-se de um lugar de praia dentro de um instituto, e que lhe despertou curiosidade em se tratar de uma forma de comunicação bem antiga, bem como a sensação de não saber o que havia nas mensagens. Ao aceitar o convite a abrir alguma das mensagens, e ao desenrolar o pergaminho faz uma leitura muito atenta, embora ao seu redor, no saguão houvesse bastante ruído (Figuras 70 e 71).



Figura 70 - Leitura atenta da mensagem – Instalação Artística. Arquivo da autora.



Figura 71 - Leitura atenta da mensagem – Instalação Artística. Arquivo da autora.

7.4 A Artista Plástica graduanda em Gestão Ambiental...

Esta participação a seguir nos encantou, porque esta artista e graduanda em Gestão Ambiental já havia passado pela manhã muito cedo nos cumprimentando, dizendo que voltaria mais tarde após a sua aula com mais calma.

No seu retorno aceitou a filmagem de sua fala compartilhando que: “[...] eu sempre quis juntar a arte com a Gestão Ambiental. [...] o que fizeram aqui tem

tudo a ver com esta união [...] eu acho que vale a pena, tem que continuar a acontecer”.

Diante do convite para abrir uma delas, ela diz já abrindo uma das mensagens, que estava precisando de uma palavra em especial naquele dia, e quem sabe não seria o que precisava ouvir (ler).

Leu e ficou feliz! Disse que era o que precisava e que diante do foi dito a ela, também queria deixar outra mensagem, e sentando-se na escrivaninha, construiu o que desejava misturando a areia a sua escrita.

Logo a pós, a artista aceita deixar também uma mensagem (Figuras 72 e 73).



Figura 72 - Artista Visual cursando Gestão Ambiental no IFSUL. Arquivo da autora.



Figura 73 - Artista Visual cursando Gestão Ambiental no IFSUL. Arquivo da autora.

7.5 Os três jovens...

Os três jovens ao responderem o como se sentiram naquele espaço, entre algumas brincadeiras com a entrevistadora com a câmera na mão, como: “é preciso fazer pose?”, então um respondeu buscando as palavras: “motivacional!” os outros dois confirmaram: “isto mesmo! Motivacional! bem legal!” (Figuras 74 e 75); o que havia na mensagem não sabíamos! Mas aconteceu que logo após a abertura e leitura das mensagens escolhidas, contribuíram com outras mensagens.



Figura 74 - Os três jovens. Arquivo da autora.



Figura 75 - Os três jovens. Arquivo da autora.

7.6 A jovem leitora de mensagens...

A jovem a seguir, compartilhou que a sensação melhor que havia experimentado no espaço foi o momento de fazer a escolha da garrafa: vê-la, abri-la e lê-la. Nos disse na gravação que: “[...] a sensação melhor foi, para mim, pegar uma garrafa que já estava ali do que escrever, por que parecia que tinham escrito para

mim e tudo o mais, e escrever também é bem legal, muita gente gosta, mas a que eu peguei foi tocante.”, ainda colocou que logo após também escreveu. Esta jovem a partir desta experiência passou a convidar e conduzir muitos colegas até o local, a vimos muitas vezes por ali em grupos. (Figura 76).



Figura 76 - Jovem que a partir da sua experiência passou a convidar e conduzir muitos colegas até o local. Arquivo da autora.

7.7 A garota dos óculos vermelhos...

Esta garota diz que quando viu o espaço, lhe causou um pouco de choque por que achou bem diferente, que percebeu uma oportunidade boa de também passar uma mensagem anonimamente para uma pessoa que de repente não estivesse sentindo-se muito bem no dia, “então me passou uma sensação de felicidade!” (Figura 77).



**Figura 77 - Jovem que ao final de sua fala nos diz: A sensação foi de felicidade.
Arquivo da autora.**



**Figura 78 - Presença e participação da colega Jornalista do IFSUL Greice Gomes.
Arquivo da autora.**

7.8 A colega jornalista...

Tivemos a presença e participação da colega jornalista do IFSUL Greice Gomes (Figura 78). Coloca-nos o seguinte:

[...] a minha percepção, a primeira coisa que passou quando cheguei foi esta movimentação, e me animou muito e me entusiasma muito este tipo de iniciativa, por que me toca quando há bastante movimento dos alunos, bastante movimento dos estudantes, e me comoveu particularmente a maneira de como eles estão interagindo com este trabalho assim, e antes mesmo de eu chegar e ter a curiosidade de saber o que era, eu já não sabia de que trabalho se tratava [...], então me chamou a atenção e eu tive a curiosidade mesmo sem saber que era o trabalho de uma colega, um trabalho já bem conhecido, simplesmente pelo envolvimento [...], pela forma como os alunos se envolveram com este trabalho (Figura 92).

Assim, não desejo términos, desejo continuar a ler, ler, ler... ouvir, ouvir, ouvir...escrever, escrever, escrever!

Diante das escolhas feitas no que foi produzido, trago o porquê estes e não outros participantes, e o que disparou em mim estas escritas, fotos e registros nos vídeos. Intensidades me deslocaram. Diante de tantas perguntas lançadas naquele dia, sobre o que faríamos com as mensagens das garrafas após a exposição, respondia: sabemos que as vamos ler... mas ainda não sabemos para onde elas nos levarão! Está em curso! Mas, agora neste momento retomo e retorno a produzir com o que foi produzido, afinal, a cartografia me autoriza, com ela tudo torna-se conectável. Agora já não sei se é poesia, já não sei se é relato do factual, mas por entre a fumaça e a decisão de ultrapassar as escotilhas/ vigias, abriu-se o que antes estava arrolhado, perpassando as amarras envolventes... Eram “os nós”, “os nós tramados enlaçados”. “Nós” de cada um que se colocou na experiência, possibilitando agenciamentos potencializadores. Experiência que se atualiza nesta escrita no momento em que me permito tocar no intocável, mas que por hora parece palpável. E sei que terei uma ideia do que se passou durante aquelas experiências no hall, naquele espaço pedagógico. Sei que minha tarefa de pesquisadora é dar um desdobramento, criar uma realidade, ou uma ficção, a partir do que foi produzido em mim neste percurso.

Mesclando-me a escrita do que chamei de “boné pensante”, e suas provocações, percebo e capturo um devir pesquisadora-aprendiz que me leva a outra aprendente, falo aqui de Rê uma das monitoras que se dispusera a registrar o espaço. O que me tocou foi encontrar um vídeo com ela, a Rê em lágrimas entre o material da pesquisa, dizendo que a mensagem, que ele propositalmente não amarrou com o barbante oferecido, deixando-a aberta dentro da garrafa para “dar mais trabalho a quem quisesse ler”; mas esta aprendente ao conseguir retirá-la mais ao fim da tarde daquele mesmo dia do invólucro silícico mensageiro, e ao ler, foi como que arrebatada, turbilhonada, e com ela também a pesquisadora ao ver o vídeo; atualizando assim um desejo de aprendizagem que antes parecia só um sonho, mas que agora conecta-se e começa a produzir um saber para além do esperado.

Aprendo com os disparadores que já falam por si só; aprendo com o que se reinventa e se multiplica, aprendo com as questões de investigação que já se entremeiam, se mesclam, se encontram e não se encerram em respostas prontas, mas que desacomodam e incomodam com impulsos pulsantes de desejo de viver.

Um devir cuidadoso por inúmeros momentos me fez repensar como me apropriar de cada fragmento - o toque e deslocamento com as caixas de madeira que envolviam os invólucros silícicos mensageiros, cada pedaço de folha de papel Kraft que os protegia, o abrir de cada registro... fotos ... vídeos... Há um coletivo que mesmo tendo trazido à escrita os que em gritos me desvelaram as “Carlas”, decifrando como egiptóloga os signos em diferentes momentos, ora fora da vigia, ora para além dela, percebo-me trêmula diante do inesperado e do que experimento.

“O jovem leitor atento” através do vídeo e fotos nos conta que o primeiro momento que o atraiu foi “o estranho”, ou seja, um espaço marítimo de beira mar dentro da instituição..., então percebo que apesar do ruído ao seu redor, ele estava absorto com o que abria e encontrara, seria ali também a pesquisadora se deslocando, indo para além do tempo e espaço. É uma Carla que se reinventa ao perceber-se outras Carlas em cada fala, em cada escrita no que mais grita, e no que mais silencia num movimento de vida, conectando-se também com outras diferentes áreas de aprendizagens. Uma “perda de tempo” entre aprendentes aprendizes em

uma “Recherche”, que nos colocou e coloca num mesmo espaço! Misturados dialogando... signos sendo decifrados...

Daí a idéia fundamental de que o tempo forma diversas séries e comporta mais dimensões do que o espaço: o que é ganho em uma não é ganho em outra. A Recherche é ritmada não apenas pelos depósitos ou sedimentos da memória, mas pelas séries de decepções descontínuas e pelos meios postos em prática para superá-las em cada série (DELEUZE, 2010, p. 25).

Segundo Deleuze na literatura de Proust, “a decepção é um momento fundamental na busca ou do aprendizado: em cada campo de signos ficamos decepcionados quando o objeto não nos revela o segredo que esperávamos.” (DELEUZE, 2010, p. 32).

Percebia-me entre expressões contagiantes diante da abertura das mensagens, mas também entre as forças que se movimentavam como que em decepções, como que esperassem ali alguma aprovação aos seus desejos e sonhos, como se ali, dentro das garrafas pudesse estar alguma rota ou fórmula mágica para seus estados de vida. Mas o que estava sendo oferecido? Possivelmente só fragmentos-pedaços de vida, sem início nem fim, apenas coordenadas enunciativas:

Todo mundo a posiciona, em torno dali, onde lhe dita o corpo. Todo mundo a conserva marcada, definitiva, onde o dia de seu nascimento a fixou. Muito frequentemente a esquecemos, a deixamos à sombra do sentido interno, até o dia em que a brusca fúria do tempo nos faz nascer – acaso, dor, angústia, sorte – uma segunda vez. (Serres, 2001 p. 14).

Dialogar e me entremear com as colocações e sonhos escritos pela da artista plástica que estudava Gestão Ambiental, a qual manifestou que sentia falta do que estava vendo naquela manhã dentro da instituição, e que precisava acontecer mais vezes. Neste momento fui lançada em turbilhões para além deste encontro, me buscando quando ainda não sabia que podia buscar na filosofia, a arte de decifrar os instantes de vida entre outras vidas, os sinais. Como nos diz Deleuze em Proust e os signos sobre as nossas impressões e seus lados:

[...]Passamos ao largo dos mais belos encontros, nos esquivando dos imperativos que eles emanam: ao aprofundamento dos encontros, preferimos a facilidade das recognições, e assim que experimentamos o prazer de uma impressão, como o esplendor de um signo, só sabemos dizer “ora, ora, ora”, o que vem a dar no mesmo que “bravo! bravo! bravo!”, expressões que manifestam nossa homenagem ao objeto. (DELEUZE, 2010, p. 26).

Mas a artista plástica que estudava Gestão Ambiental também transformara-se em aprendente, misturava-se em instantes e um devir para além de artista e estudante foi em mim conectado, então já se tratava de uma outra estética...

Turbilhonada com os três jovens estudantes que procuravam palavras certas ou mais precisas, para dizer-nos que o espaço era “motivacional!”. Cada um, de um modo meio afoito, desenrolava seus pergaminhos e lia suas mensagens. Em suas falas mais técnicas objetivam o que chamamos de “disparadores”, o próximo passo os colocou na experiência da produção, e ali na escrivinha ficaram por longo tempo manuseando o que encontravam, escolhendo seus invólucros. Misturavam-se com os que se aproximavam para observá-los. Riam, comentavam, compartilhavam o que produziam.

A Carla educadora, que tanto sonhara com este modo de aprendizagem, que na sua passagem pelos estudos de filosofia admirou a ilustração (um recorte) da pintura de Rafael em afresco “Escola de Atenas” (Feitosa, 2004)²³ agora, neste instante da escrita, buscava imediatamente esta ilustração para escrever com mais propriedade sobre este devir que se misturava entre tantos filósofos, cada um no seu tempo, mas que ao buscá-los, também permitia que se colocassem para além do tempo e espaço (assim como a pesquisadora).

Então, nos compomos, nos decompomos e, em fragmentos, nos tornamos outros em conexões e em instantes de aprendizagem.

Coloco o ouvido em outras falas, como a da “Jovem leitora de mensagens”, com ela aprendo sobre estar no espaço, deixar-se envolver no espaço de aprendizagem, não ter pressa nas escolhas, observar e buscar a mensagem que está envolvida aparentemente em uma transparência, mas é apenas aparência

²³ “Escola de Atenas” em afresco (1509-1511). Museu do Vaticano - Pintor Rafael Rafael Sanzio (1483-1520).

transparente. Até o silícico do invólucro, pode devir outro; pode estar fundindo-se mutantemente no seu mundo microscópico nas alternâncias das temperaturas que se encontra.

O cuidado desta aprendente em abrir e decifrar-se durante várias visitas e participações em horários diversos, alternando o grupo que a acompanhava, pois através de seus depoimentos e convites levou muitos colegas à experiência no espaço, voltando ali inúmeras vezes, ora sozinha, ora em grupos. Segundo o que capturou enquanto falava sobre a sua experiência, pouco escreveu. Quem sabe nada! Mas entendemos que se sentia convidada a tantas outras experiências no espaço.

Respiro um pouco e passo a me “escutar”. Agora escutando “a garota dos óculos vermelhos” quando fala sobre estas mensagens serem um modo de chegar “anonimamente” à “uma pessoa que não estivesse sentindo-se muito bem”. Percebo que acontece aí outro modo de composição. E ela ainda coloca: “então me passou uma sensação de felicidade!”. Neste momento potencializador me aproximei um pouco mais a Serres quando diz: “[...] e a alma de seu corpo entra na alma do barco, no centro das turbinas, no coração das obras- vivas. Para se libertar desse barco é preciso ir procurar sua alma no paiol, no lugar onde o fogo é verdadeiramente perigoso, num dia de desespero.” (SERRES, 2001, p. 15). A “felicidade” em mim está nos entres e gritando, como políticas do sensível que se tramam nos ajudando a pensar, problematizar, discutir, e que formam algum modo perceptivo individual e coletivo (Farina, 2010).

A leitura feita desta cena me transporta às possibilidades de um “educar” que envolve o “ensinar” que Larrosa nos presenteia em Nietzsche e a Educação:

O que faz falta é uma linguagem ágil e em movimento, para um leitor ágil e em movimento, de pés ligeiros. Ensinar a pensar é ensinar a bailar. E ensinar a pensar não é definitivamente ensinar a ler e escrever, a escutar e a falar? Não é ensinar a bailar com a voz e com a caneta, com os ouvidos e com os olhos? (LARROSA, 2009, p. 36).

Esta reflexão é exigente, pois quando o autor fala em bailar, fala em exercícios, treinos e preparo físico, aprendo que para tanto, envolve tempo e

dedicação. Me vejo aí sob o peso da fumaça e do cuidado “rente ao chão” sinalizando o cuidado com as vidas envolvidas num coletivo que se compõe.

Conecto-me neste momento, entre os registros mapeados, considerando as fotos inseridas nesta pesquisa e neste capítulo, que permitem perceber os agrupamentos participativos que movimentaram o espaço durante aquele dia, colocando o meu ouvido em uma participação que tratamos como “A colega jornalista...”, esta participação me tocou e potencializou, pelo fato de ouvir alguém que ao conviver e transitar dentro do instituto com muita frequência semanalmente, trouxe para a investigação uma percepção de surpresa que a atraiu; animou-a aproximando-a pelo fato de ver os alunos interagindo, inclusive sem saber do que se tratava nem quem era o autor da iniciativa. Desta forma as questões, anseios e indagações que trouxemos para esta pesquisa estão tramadas e conectadas, possivelmente recriando novas articulações. E, a quem ler esta pesquisa, proponho o convite a novos encontros. Deixo algumas pistas nesta escrita, e quem sabe, um até breve pelas através dos invólucros sílficos mensageiros que encontrarmos de vez em quando pelos trajetos de nossas vidas!

Convido a uma nova aprendizagem, a inventar outros traçados aprendentes. Convido-nos a outros lançamentos sem destino certo! Ora por água, ora por terra!...

filo.arterotasepistas@gmail.com

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as considerações finais vamos nos remeter as questões de pesquisa, as quais envolveram as experiências com a instalação artística e a promoção da “educação” pelo *aprender*, destacando os *saberes* construídos e compartilháveis na experiência - desde a produção da instalação até sua apropriação pelo público, bem como um sair da educação pela própria educação. Estas questões encaminharam os objetivos, ou seja, promover um espaço de criação para pensar o educar como um aprender implicado com o sensível e com a arte, e mapear os deslocamentos de pensamentos e conceitos que se realizaram a partir da experiência com a proposta artística.

Considerando estes dados como ponto de partida podemos dizer desta investigação que entre tantas escritas em forma de poemas, letras de músicas, experiências de vida; entre tantas inserções de objetos que provocaram manifestações, que se transformaram em disparadores para os processos de criação que conseguimos capturar nesta intervenção artística, percebe-se o quanto valeu cada momento vivenciado em todo o processo.

Estar ali no meio, entregando-me ao tempo, ou melhor “perdendo o meu tempo” como aprendente experimentei momentos em que havia perdido o controle do espaço montado. Até mesmo desconfiei que alguns invólucros haviam sido levados, mas para minha surpresa todos estavam lá, cheios de novas e múltiplas mensagens, como se fossem chegando até mim no desejo de serem encontradas: lidas, manuseadas/ experimentadas. Algumas mensagens no final da exposição estavam sem o barbante que as amarrava facilitando o acesso, tanto para colocar a mensagem quanto retirá-las dos invólucros silícicos. Desta forma, ficaram abertas nos dando muito trabalho para capturá-las! estas foram experiências vivenciadas também por Lúcia, Rê, Éricon e Liader antes das mensagens saírem do saguão (Figura 79).



**Figura 79 - Lúcia, Rê, Éricon e Liader retirando as mensagens abertas das garrafas.
Arquivo da autora.**

Este movimento nos colocou como aprendentes com o que Larrosa (2009) nos provoca em Nietzsche e a Educação sobre as intensas e potentes experiências:

A experiência é um passo, uma passagem. Contém o “ex” do exterior, do exílio, do estranho, do êxtase. Contém também o “per” de percurso, do “passar através”, da viagem, de uma viagem na qual o sujeito da experiência se prova e se ensaia a si mesmo. E não sem risco: no *experiri* está o *periri*, o *periculum*, “o perigo”. (LARROSA, 2009, p. 57)

Então podemos dizer que o que foi proposto colocou em curso um instigar, um provocar contornos/ contenções que um aprender propõe, pode-se dizer que trata-se das condições que se pode oferecer, apostando na promoção de encontros. Vale como um convite ao abandono dos formatos engessados, dando abertura ao acontecimento e deslocamentos que transformam, o mesmo tempo e espaço que as regulamentações/ normatizações nos impõe, um deslocamento para outros lugares produtores de saberes e de paixões aprendentes: “[...] é preciso ampliar esse tipo de experiência, por meio de outras relações passionais e atrativas, que são os verdadeiros acompanhamentos ou as verdadeiras arrancadas do aprender.” (SCHÉRER, 1995, p. 1191).

Desejou-se com esta instalação colocar em movimento o que denominamos de “convite ao esposamento”. Para Schérer “O aprender vai além do saber, esposando a vida toda, inteira, em seu curso apaixonado e imprevisível” (SCHÉRER, 1995, p. 1183),

ou seja, um aprender que “não é reproduzir, mas inaugurar, inventar o ainda não existente, e não se contentar em repetir um saber [...]” (SCHÉRER, 1995, p. 1188). Então seria uma aprendizagem em vias de vir a ser, que pode chegar a acontecer. O autor dá um outro significado ao “esposar”, sendo este uma das três contenções que propõe para analisar o “aprender” deleuziano, ou seja, “balizas de uma linha que permitam esboçar-lhes os contornos” [...] (SCHÉRER, 1995, p. 1188). O primeiro encaminha um radical repensar sobre o ensino que trabalha com a distinção de verdadeiro e falso, mantendo questões e problematizando o que já tem respostas pré-estabelecidas/respondidas e de pouca relevância. O segundo contorno se dará na “localização do aprender”, quando identifica que sendo o problema do pensamento, precisamente o da invenção de ideias, e existe e se dá anterior à verificação e análise de acertos e erros, que chama de “pesadelo dos pedagogos”: esses “deveres” tecidos de banalidades, de não sentidos, de problemas mal postos, inclassificáveis segundo a escala do erro ou do falso, mantendo-se para além de toda decidibilidade (SCHÉRER, 1995, p. 1189/ 1190). Eis aí algumas pistas para uma educação que quebra encadeamento das ordens e traça “linhas de fuga”.

E o terceiro contorno:

O terceiro é um ponto notável (distinto, em Deleuze, daqueles que ele qualifica de ordinários e que, também eles, marcam inflexões, linhas de fuga), no desenvolvimento consagrado mais precisamente a “aprender”, no final do capítulo III, aquele sobre “A imagem do pensamento”. Aprender faz com que os belos nomes (belos por sua inserção em uma tradição cultural) do aprendiz e do aluno, os quais têm origem nesse verbo, penetrem na singularidade e na objetividade da ideia, emparelhando-os, ajustando-os, ponto a ponto, com ela, tal como – exemplo dado por Deleuze – o nadador com a onda, que ele esposa e fende. É uma educação dos sentidos, uma conjugação das faculdades. (SCHÉRER, 1995, p. 1189/ 1190).

Desta forma, esta dissertação desenvolvida a partir do estudo de um referencial teórico nas filosofias da diferença, nos conceitos de *encontro* e *aprendizagem* com seus autores; na montagem de uma instalação e seus processos; dos registros das experiências (entrevistas escritas e gravadas, fotografias e filmagens) com a instalação, problematizou a educação em relação ao modo institucionalizado que organiza professor, aluno, sala de aula e conteúdos e investigação do como uma experiência com uma proposta de arte contemporânea

promove uma “educação” pelo *aprender*, quais *saberes* são construídos e compartilháveis na experiência desde a produção da instalação até sua apropriação pelo público por meio de garrafas com mensagens, como esta dissertação promove um sair da educação pela própria educação.

Pode-se neste momento final trazer; através dos mapeamentos realizados que uma proposta como esta, dentro de uma instituição como IFSUL *campus* Pelotas/ RS ofereceu; experiências na medida que a pesquisadora, os colaboradores e o público que se colocaram neste espaço pedagógico proponente, passaram a compartilhar e manifestar seus desejos, suas produções tão diversas e criativas.

A pesquisa foi construindo pistas que de alguma forma nos colocou de uma maneira mais efetiva no saguão como uma “sala de aula”. Não se tratou de encontros marcados, mas o que se constituiu como uma trama conceitual tornou-se possibilidades oferentes de nos misturarmos ao que se mostrava, e ou se desvelava, ou seja, pensamentos que se voltaram às falas e às escritas ao dizerem-se nos riscos desenhados e rabiscos pigmentados com crayons. Ali estiveram muitos “bonés pensantes”: discentes, docentes, agentes de limpeza, estagiários, funcionários de um modo geral, todos passantes aprendentes.

Muitos perguntaram o que faríamos com as mensagens e as garrafas após a exposição, indagavam: vão lançar ao mar? Não podíamos responder por que não sabíamos bem para que correntes tudo o que estava acontecendo nos levaria.

Havia naquelas perguntas um certo encantamento provocador! Novos turbilhões arrebatadores em formação!!!

Pelos tantos registros e o que mais me toca em colocar para este momento, é a confirmação de que é preciso permanecer oferecendo espaços de formação do sensível nos meios educacionais: Oferecer! Oferecer! Experimentar! Experimentar! O convite permanece. Não se esgota aqui. Permanece o desejo de muitos e muitos encontros aprendentes e potentes.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/nafreitas/abbagnano-nicola-dicionrio-de-filosofia-15776809>. Acesso em 28 de Abril de 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: informação e documentação - artigo em publicação periódica científica impressa - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003a.

ARANHA, Maria Lucia Arruda. **Filosofando: Introdução a Filosofia**. Maria Lucia Arruda Aranha Maria Helena Pires Martins. – 4. Ed. – São Paulo: Moderna, 2009.

Atividades Colaborativas. **Releitura_e_Tecnicas**. Disponível em: http://www.aprendebrasil.com.br/AtividadesColaborativas/pdf/Releitura_e_Tecnicas.pdf. Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

BAROUKH, P. (12 de Fevereiro de 2010). **Vídeos no Mensagem na Garrafa**. Disponível em INCLUSIVE INCLUSÃO E CIDADANIA: <http://www.inclusive.org.br/?p=13877>. Acesso em 28 de Setembro de 2015.

BRETAS, A. C. (02 de Setembro de 2009). **Aprendendo a Ensinar por Constelações. O convite de Walter Benjamin à educação**. Disponível em Dimensão Estética Arte Cultura Filosofia: <http://dimensaoestetica.blogspot.com.br/2009/09/aprendendo-ensinar-por-constelacoes.html>. Acesso em 17 de Março de 2015.

CARVALHO, T. L. (16 de Maio de 2012). BRUNO CATALANO / ESCULTOR. Disponível em Das Artes: <http://taislc.blogspot.com.br/2012/05/bruno-catalano-escultor.html>. Acesso em 12 de Setembro de 2014.

CLARK, Lygia; GULLAR, Ferreira y PEDROSA, Mario. Lygia Clark. **Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mario Pedrosa**. (Arte brasileira contemporânea). Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. (2003) "Manifesto por um pensamento da diferença em educação". In: _____. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, p.9-17.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte** – A arte contemporânea e os limites da História. São Paulo: Odisseus/Edusp, 2006. Tradução de Saulo Krieger.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia prática**. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Francis Bacon. Lógica de la sensación**. Madrid: Arena, 2002.

_____. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia/ Gilles Deleuze e Félix Guattari**; Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa.- Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **O Que é a Filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2007.

DICIONÁRIO DE PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO. [Direção: Mariano Moreno Villa; Revisão: Honório Dalbosco e Equipe; Tradução: Honório Dalbosco]. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção dicionários).

ESPINOZA, Baruck. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FARINA, Cynthia. **Formação estética e estética da formação**. Em: FRITZEN, Celdon e Moreira, Janine (orgs). Educação e arte. As linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papirus, 2008.

_____. (2010). **Políticas do Sensível no Corpo Docente**. Revista Thema , 13. Disponível em <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/11/5>. Acesso em 18 de Janeiro de 2016.

_____. (16 de Março de 2009). **Políticas do Sensível no Corpo Docente**. Disponível em **NBP- NOVAS BASES PARA A PERSONALIDADE**: <http://www.nbp.pro.br/blog.php?experiencia=128>. Acesso em 06 de Outubro de 2015.

FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com Arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, RJ. 2004.

Ferreira, D., & Cassais, J. P. (02 de dezembro de 2012). Coisas de pelotas. Disponível em: **O Quadrado e a Velha Ponte**: <http://coisasdepelotas.blogspot.com.br/2012/12/o-quadrado-e-velha-ponte.html>. Acesso em 27 de Outubro de 2016.

GALLO, Silvio. (2007) **Deleuze & a Educação**. Disponível em: file:///C:/Documents%20and%20Settings/Personal/Meus%20documentos/Downloads/SILVIO%20GALLO%20deleuze_e_a_educacao_parte_um.pdf. Acesso em 04 Janeiro 2016.

IA/Unicamp, D. r. (2008). **CONCEITOS DE INSTALAÇÃO**. Disponível em PROJETO DE INSTALAÇÃO ARTÍSTICA: <http://www.iar.unicamp.br/dap/instalacoes/conceitos.html>. Acesso em 14 de Janeiro de 2016.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KERR JR, Donald H. de Barros (Goy); LERM, Ruth Rejane Perleberg. **Abordagem Triangular e Ensino Profissionalizante: a Arte no contexto do Design.** São Paulo: Cortez, 2010. In.: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA Fernanda Pereira. **A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais/** Ana Mae Barbosa, Fernanda Pereira da Cunha (orgs.). – São Paulo: Cortez, 2010.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 02 de outubro 2014.

_____. **Nietzsche & a Educação/** Jorge Larrosa; traduzido por Semíramis Gorini da Veiga. – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LEITE, M. (15 de Julho de 2013). **MENSAGENS EM GARRAFAS! 8 HISTÓRIAS MUITO CURIOSAS!** Disponível em meus links: <http://www.meuslinks.com/126689/rd/mensagens-em-garrafas-8-historias-muito-curiosas>. Acesso em 28 de Setembro de 2015.

LISBOA, J. (s.d.). **Escritório de arte.com.** Disponível em Daniel Acosta: <https://www.escrioriodearte.com/artista/daniel-acosta/>. Acesso em 06 de Outubro de 2015.

LOPONTE, Luciana, **Arte para Docência: estética e criação na formação docente.** Revista AAPE. v. 21, n. 25, mar. 2013.

LUFT, Celso Pedro. Minidicionário. 20. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARANO, V. P. (s.d.). **Mitocôndria.** Disponível em Toda Biologia.com: <http://www.todabiologia.com/citologia/mitocondria.htm>. Acesso em Setembro de 2015.

PELBART, Peter Pál. (2008) **Poderíamos partir de Espinosa.** Disponível em: <http://artesescenicas.uclm.es/index.php?sec=texto&id=182>. Acesso em: 02 de outubro 2014.

PEREIRA, M. V. (2011). **Contribuições para entender a experiência estética.** Revista Lusófona de Educação, 18, 111-123 , 18, 111-123. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2566/1990>. Acesso em: 02 de outubro 2014.

RIOS, D. (2008). **Vitor Ramil: o artista tranquilo.** revista de cultura # 64 . Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag64ramil.htm>. Acesso em 27 de Outubro de 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental.** Transformações. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/a> (Rios, 2008)g64ramil.htm. Acesso em 27 de Outubro de 2016. contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSE, W. B. (03 de ABRIL de 2012). **SS Naronic**. Disponível em rmsnaviodossonhos: <http://rmsnaviodossonhos.blogspot.com.br/2012/04/ss-naronic.html>. Acesso em 28 de Setembro de 2015.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SCHÉRER, René. **Aprender com Deleuze**. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 26, nº 93, p.1183 – 1194, Set. – dez.1995.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

Serviço Público Federal - Instituto Federal de Educação, C. e.-r.-g.-P.-R.-B. (s.d.). **apendice_iv_ementas DISCIPLINAS, EMENTAS, CONTEÚDOS E BIBLIOGRAFIA BACHAELADO EM DESIGN – IFSul – Campus Pelotas**. Acesso em 20 de Janeiro de 2016, disponível em [apendice_IV_ementas](#).

SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

SILVA, W. P. (28 de Agosto de 2008). **Como é feito o vidro?** Disponível em Portal do Professor: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=528>. Acesso em 06 de Outubro de 2015.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

USP, M. (s.d.). **ARTE DO SÉULO XX/ XXI – VISITANDO O MAC NA WEB**. Disponível em Alexander Calder <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/abstracao/calder/index.html>. Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

VEIGA- NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. Ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.